



Número 256  
Abril 2023

# ARAUTOS DO EVANGELHO



*Fracasso: porta  
para a restauração*

# Cursos de Espiritualidade Católica

**A** fim de aproveitarmos bem as graças da **Semana Santa** e da **Páscoa**, é necessário nos compenetrarmos de que, muito além dos ramos de palma nas mãos, devemos acolher Nosso Senhor Jesus Cristo com bons propósitos e a firme certeza de que fomos criados para amar e servir o Homem-Deus.

O estudo piedoso da doutrina católica é uma ocasião de progresso na vida espiritual, uma fonte de alegria neste vale de lágrimas e um **utilíssimo meio de nos unirmos mais a Deus**. Por isso, no intuito de lhe ajudar a compreender melhor as verdades da Fé e a trilhar os caminhos da virtude, a plataforma de formação dos Arautos do Evangelho preparou um conjunto de cursos sobre espiritualidade, baseados em obras clássicas católicas.

Retiro espiritual baseado em  
Santo Inácio de Loyola  
*Pe. Lourenço Ferronato, EP*



E se você morresse hoje, para onde  
iria? Uma direção espiritual...  
*Pe. Dartagnan Alves de Oliveira, EP*



Os sete vícios capitais  
*Pe. Caio Newton de Assis Fonseca, EP*



Confessai-vos bem!  
*Pe. Cristian Bitencourt Lopes, EP*



Por que o homem sofre?  
*Ir. Patricia Victoria Jorge Villegas, EP*



[WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG](http://WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG)

Acompanhe a programação completa dos Arautos  
através das redes sociais



Transmissão da Santa Missa  
diariamente às 19h (horário de Brasília)

# ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXII, nº 256, Abril 2023

ISSN 1982-3193

Revista de cultura  
e inspiração católica  
publicada por:

Associação Brasileira  
Arautos do Evangelho  
CNPJ: 03.988.329/0001-09  
www.arautos.org.br

**Diretor Responsável:**  
Mario Luiz Valerio Kühl

**Conselho de Redação:**  
Severiano Antonio de Oliveira;  
Silvia Gabriela Panez;  
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

## Administração

Rua Diogo de Brito, 41  
02460-110 - São Paulo - SP  
admrevista@arautos.org.br

## ASSINATURA E

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:

(11) 2971-9050

(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

## Assinatura e Participação

Assinante (anual): ..... R\$ 204,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):

Colaborador..... R\$ 40,00 mensais

Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais

Grande Benfeitor ..... R\$ 60,00 mensais

Exemplar avulso ..... R\$ 17,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.



Este produto é impresso na PLURAL - uma empresa comprometida com o meio ambiente e com a sociedade, oferece produtos com o selo FSC, garantia de manejo florestal responsável.



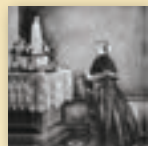
**Impressão e acabamento:**  
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Penteados de Ulhoa Rodrigues, 700  
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

# SUMÁRIO

Escrevem os leitores ..... 4

O "rio chinês" (Editorial) ..... 5



A voz dos Papas –  
Nossa participação na  
Paixão de Cristo

6



Comentário ao Evangelho –  
A aurora marial da  
Ressurreição

8



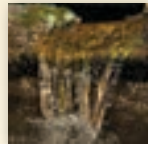
O conselho de Maria

14



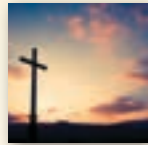
A espiritualidade de Santa  
Bernadette Soubirous –  
Equilíbrio, fé e  
humildade

16



"E ficarei mais branco  
do que a neve"

20



Vitimação: um chamado  
para todos?

23



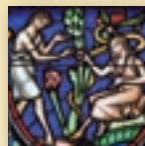
Convertido pela beleza  
da Igreja

26



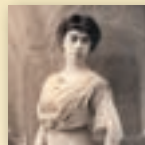
Beato Miguel Rua –  
A vitória de Dom Bosco

30



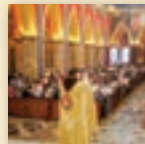
A grandeza do fracasso

34



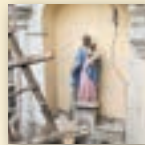
Educadora exímia,  
mãe extremosa

38



Arautos no mundo

40



Aconteceu na Igreja e  
no mundo

44



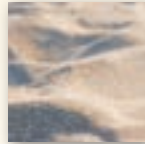
História para crianças... –  
Escute este conselho!

46



Os Santos de  
cada dia

48



Como grãos de areia?

50



**Revista Arautos do Evangelho on-line**

Tenha acesso ao conteúdo  
da revista diretamente  
de seu celular.

Acesse: [revista.arautos.org](http://revista.arautos.org)



# ESCREVEM OS LEITORES



## VERDADE, SABEDORIA E FÉ NO COMENTÁRIO AO EVANGELHO

Sou leitor da revista *Arautos do Evangelho* desde seu início. Em cada nova edição ela se supera a si mesma, e é sempre uma grata surpresa. A seção da qual mais gosto é a *Comentário ao Evangelho*, de Mons. João Scognamiglio Clá Dias; lendo a da edição de janeiro, fiquei estupefato ante tanta verdade, sabedoria e fé do autor.

Uma vez mais, agradeço e felicito por elaborarem e difundirem a melhor revista católica do mundo. Desejo muitas bênçãos para todos os arautos.

*Antonio Modernell  
Mercedes – Uruguai*

## UM CORAÇÃO QUE É NOSSO, DEPENDENDO DE NOSSA ENTREGA

No texto de São João Eudes, intitulado “*Voltai ao meu Coração, que é todo vosso*”, ensina-nos ele a acolher o Coração de Jesus para nossa salvação, a qual depende de quanto estejamos dispostos a dar de nossa parte.

*Luiz Cavilanez  
Via [revistacatolica.org](http://revistacatolica.org)*

## SER DE DEUS OU DO MUNDO...

Lendo o artigo *A Companhia de Jesus em face das perseguições – Resistência e reação!* Tive um frêmito de admiração, pensando na Companhia de Jesus e sua luta heroica ante as difamações e perseguições da época. Muitas pessoas marcaram a História da Igreja, por suas virtudes heroicas.

Assim, nós, católicos do século XXI, devemos seguir seus exemplos, hasteando nossa bandeira de intenções retas e íntegras neste mundo de pecado e afastado de Deus, sendo luz nas ruas, nos ambientes, no trabalho, etc., lutando contra o maligno e defendendo a

verdade de Nosso Senhor Jesus Cristo, inclusive com a vida, se preciso for. Ou somos de Deus ou somos do mundo!

*Carmen Pardo  
Madri – Espanha*

## SABEDORIA NOS COMENTÁRIOS E FÉ NOS CORAÇÕES

Apenas umas linhas para desejar aos *Arautos do Evangelho*, esta bendita associação, que Deus a guarde por muitos anos para que continuem difundindo em todo o mundo o amor a Deus e à sua Mãe Santíssima de Fátima.

Quero manifestar-lhes meu agradecimento mais sincero por enviarem-me todos os meses, pontualmente, a ilustríssima revista *Arautos do Evangelho*. Leio detidamente todos os artigos que os irmãos arautos escrevem, muito interessantes para todos os católicos. Com quanta sabedoria fazem seus comentários, com uma intensa fé em seus corações! Nós, leitores desta Revista, ficamos emocionados com suas santas palavras e a cada dia cremos mais. Queremos animá-los para que continuem editando mensalmente este presente do Céu.

*Antonio Díaz  
Madri – Espanha*

## EXEMPLO DE MULHER, ESPOSA E MÃE

Dona Lucilia é um exemplo de mulher, esposa e mãe, como se vê no artigo *Infalível socorro materno*. Todos esses exemplos nos ajudam, hoje, a sermos melhores como mulheres, esposas e mães.

*Elizangela Alexandrino  
Via [revista.arautos.org](http://revista.arautos.org)*

## PEDIDO DE UM EXEMPLAR

Louvido seja Deus agora e sempre! Nossa Senhora das Vitórias, rogai por nós. Como posso adquirir um exemplar da revista *Arautos do Evangelho*, edição de fevereiro de 2023, com Sua

Santidade o Papa Bento XVI? Gostaria muito de ter um. Grato por sua atenção.

*John Knipper  
Via [catholicmagazine.news](http://catholicmagazine.news)*

## UFANIA DE AJUDAR O TRABALHO DOS ARAUTOS

Aproveito com muito prazer a oportunidade de poder escrever-lhes para dar minha modesta opinião sobre suas atividades. Regozijo-me com o trabalho que fazem: ufano-me de ajudar, com uma pequena contribuição anual, a sua e nossa associação, que põe em prática os valores cristãos, o apoio, a esperança e o amor. Não tenho competência para convidá-los a continuar neste caminho, mas reitero minha forte estima. Muito obrigado.

*Agostino Perri  
Itália – Via e-mail*

## ORAÇÃO CHEIA DE GRATIDÃO

Bela reflexão no artigo de dezembro passado, intitulado *Presença régia e vitoriosa do Divino Infante*. Ajudai minha família, meu Menino Jesus. De modo especial, peço pela conversão de meu marido e para corrigir todos os meus defeitos. Ajudai-me a conservar minha família, afastai nossos inimigos. Mãe Santíssima, cobri-nos com vosso santo manto. Para meus filhos, peço que sempre conservem a Fé que lhes transmito. Peço também por todas as famílias do mundo inteiro!

*Victoria Bearzi  
Via [revistacaolica.org](http://revistacaolica.org)*

## REZEMOS DIARIAMENTE O ROSÁRIO

A Santíssima Virgem nos diz que o Rosário é a melhor arma que podemos portar, como nos recorda o artigo *Santo Rosário – Arma eficaz contra os inimigos de Deus*. E nos aconselha a que o rezemos diariamente e sempre o levemos no bolso.

*Rafael Maria  
Via [revistacatolica.org](http://revistacatolica.org)*

## O “RIO CHINÊS”

Entre as várias metáforas que Dr. Plínio Corrêa de Oliveira utilizou para descrever o percurso do ser humano nesta terra, ocupa especial destaque a que ele denominou de “rio chinês”.

Como se sabe, devido à topografia acidentada da China, seus cursos d’água recortam trajetos particularmente sinuosos. Por vezes, os afluentes parecem até que vão retornar à fonte, quando, na realidade, estão apenas se desviando dos obstáculos e concentrando energia para desembocar no rio principal e seguir seu fluxo rumo ao mar.

Algo semelhante se passa em nossas vidas, pervadidas de impasses aparentemente insolúveis, quando não de aflitivas estagnações num verdadeiro “vale de lágrimas”, como recorda a oração da Salve Rainha.

Por vezes nos iludimos de que avançar velozmente em linha reta pelo rio seja sinônimo de acerto na via escolhida; no entanto, no fim podemos nos deparar com um desfiladeiro sem saída... Nesse sentido, alertou Santo Agostinho: “*Bene curris, sed extra viam* – Corres bem, mas fora do caminho”. Não adianta correr muito, é preciso correr na pista certa. Com efeito, no mundo ativista em que vivemos somos tentados a pensar que nosso sucesso se mede pela intensidade da ação – ou febricitação. No entanto, águas agitadas não refletem o céu! E mais: as máquinas barulhentas são, em geral, as menos produtivas...

Todavia, em nossa navegação cotidiana nem sempre sabemos se estamos no rumo certo. Como proceder? Mesmo na borrasca e com Jesus “dormindo” na barca, devemos confiar de que Ele tem o leme nas mãos (cf. Mc 4, 35-41).

O Senhor permite que passemos por infortúnios justamente para nos provar. Nessas encruzilhadas da vida, não sejamos como os discípulos, que naquela intempérie invectivaram: “Mestre, não Te importa que pereçamos?” (Mc 4, 38). A resposta de Jesus sintetiza qual deve ser nosso estado de espírito em situações de crise: “Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?” (Mc 4, 40). É preciso, antes de tudo, coragem e confiança.

De fato, os Santos se forjaram na docilidade aos desígnios do Altíssimo e na certeza de que Ele conduzia a nau de suas vidas. Para alguns teólogos, a essência da santidade não consiste simplesmente na prática constante das virtudes ou no estado de perfeição – embora sejam estas condições fundamentais –, mas sobretudo no abandono à Divina Providência ou, em outras palavras, na conformidade de nossa vontade com a divina. Afinal, como ressalta o Apóstolo, nada “poderá nos separar do amor de Deus” e, “se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8, 39.31).

Essa foi precisamente a atitude da mais santa das criaturas: Nossa Senhora. Diante do impasse criado pelo anúncio do Anjo, do qual pendia a Redenção de toda a humanidade, Maria Se entregou inteiramente nas mãos da Providência: “Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em Mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

A confiança em Deus deve ser tal que, se for preciso, o “rio chinês” pode até se estancar, como aconteceu com o Mar Vermelho, para proteger o povo eleito. Não nos esqueçamos, porém, de que as águas também “voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército do faraó, que os haviam seguido no mar; e não escapou um só deles” (Ex 14, 28). Assim continuarão os rios chineses a fazer seu curso na História. ✧



“Descida ao Limbo”,  
por Fra Angélico -  
Museu de  
São Marcos,  
Florença (Itália)

Foto: Reprodução



# Nossa participação na Paixão de Cristo

Em Lourdes, a Virgem ensina o valor redentor da dor; dá coragem, paciência, resignação; eleva o olhar interior à verdadeira e completa felicidade, que Jesus nos assegurou e preparou para além da vida e da História.

**N**este tão significativo dia em que recordamos a primeira aparição de Maria Santíssima em Lourdes, elevemos também nós ao Senhor, com suas próprias palavras, o hino de júbilo e de gratidão: “Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem!” (Lc 1, 50). [...]

A primeira leitura nos propõe uma reflexão sobre as palavras do profeta Isaías que, durante o exílio, confortava o povo de Israel com a expectativa do retorno a Jerusalém, a Cidade Santa, e com a certeza de que, apesar de todas as dolorosas vicissitudes pelas quais ele havia passado, Deus não tinha abandonado o povo da aliança e continuava sendo sempre sua alegria e seu conforto: “Como uma criança que a mãe consola, em Jerusalém sereis consolados. Vós a vereis e vosso coração se alegrará” (Is 66, 13-14).

Recordando as aparições de Nossa Senhora em Lourdes, podemos aplicar também a nós e à nossa história as palavras do antigo profeta: Deus quis que Maria Santíssima aparecesse dezoito vezes à pequena Bernadette, de 11 de fevereiro a 16 de julho de 1858, para deixar uma mensagem de con-

solação e de amor à Igreja e a toda a humanidade.

*O sentido da vida na terra é sua orientação rumo ao Céu*

Com efeito, há nessas aparições um significado que permanece sempre válido, e que devemos conservar como uma preciosa herança. Em meados do século passado, enquanto se alastravam insidiosamente o racionalismo e o ceticismo, Maria, Aquela que acreditou na palavra do Senhor, vinha ajudar e confirmar na autêntica e genuína Fé cristã a família dos crentes.

Em Lourdes, Maria recordou ao mundo que o significado da vida na

terra é a sua orientação rumo ao Céu. Como o povo de Israel, também a humanidade se encontra em caminho, e sua meta é a Jerusalém Celeste. As palavras do profeta Isaías valem para os homens de todos os tempos, são atuais também para nós: “Em Jerusalém sereis consolados”. A perene tentação do homem, uma tentação que o progresso hodierno torna singularmente sutil e aliciante, é a de circunscrever à terra todas as expectativas, concentrando seus esforços na construção de uma morada terrena cada vez mais segura e confortável.

Por certo, a Fé não condena o empenho em melhorar as condições de vida na terra. Pelo contrário, ela ensina que tal empenho deve ser visto e interpretado na perspectiva da tarefa de dominar a terra, confiada por Deus ao homem já no início de sua história. O que a Fé não admite é que a etapa terrena seja considerada pelo homem como sendo a fase definitiva de sua existência, pois ela não é senão uma fase provisória, a ser vivida em função do verdadeiro ponto de chegada, situado além do tempo, no âmbito da eternidade.

Nossa Senhora veio a Lourdes falar do “Paraíso” ao homem para que

*O significado da vida na terra é sua orientação rumo ao Céu, de onde o homem deve haurir conselhos e esperança*



Gruta de Massabielle - Lourdes (França);  
em destaque, Santa Bernadette Soubirous em 18/10/1864

este, embora empenhando-se ativamente na construção de um mundo mais justo e acolhedor, não se esqueça de elevar seus olhos ao Céu para haurir conselho e esperança.

### **O valor redentor da dor**

A Santíssima Virgem veio também recordar-nos o valor da conversão e da penitência, rerepresentando ao mundo o núcleo da mensagem evangélica. Disse Ela a Bernadette, na aparição de 18 de fevereiro: “Prometo fazer-te feliz, não neste mundo, mas no outro”. Convidou-a em seguida a rezar pelos pecadores, e no dia 24 de fevereiro repetiu três vezes: “Penitência, penitência, penitência!” Maria aponta e sublinha em Lourdes a realidade da redenção da humanidade do pecado, por meio da cruz, ou seja, do sofrimento. O próprio Deus feito Homem quis morrer, inocente, cravado numa cruz!

Em Lourdes, a Virgem ensina o valor redentor da dor; dá coragem, paciência, resignação; ilumina sobre o mistério de nossa participação na Paixão de Cristo; eleva o olhar inte-

*‘Estando enferma,  
Bernadette respondia  
aos que lhe sugeriam  
ir à gruta para ser  
curada: “Lourdes  
não é para mim.  
É preciso sofrer”*

rior à verdadeira e completa felicidade, que o próprio Jesus nos assegurou e preparou para além da vida e da História.

Bernadette, que compreendia perfeitamente a mensagem de Maria, tornou-se religiosa em Nevers e, estando gravemente enferma, respondia àqueles que lhe sugeriam ir à Gruta de Massabielle para ser curada: “Lourdes não é para mim!” Acometida por fortes crises de asma, respondia com simplicidade à noviça enfermeira que lhe perguntava se sofria muito: “É preciso!”

### **Convite à oração humilde e confiante**

Enfim, a mensagem de Lourdes se completa com o convite à oração: Maria aparece em atitude de oração, quer que Bernadette reze o Rosário com seu próprio terço, pede que seja construída uma capela naquele lugar e que até ela se vá em procissão. Também esta é uma recomendação válida para sempre. Nossa Senhora de Lourdes veio nos dizer, com autoridade e bondade de mãe, que para quem quer efetivamente manter, reforçar e dilatar a Fé cristã, é necessária a oração

humilde e confiante. [...]

Lê-se na biografia de Santa Bernadette que ela recebeu a Primeira Comunhão na quinta-feira, 3 de junho de 1858. Foi-lhe perguntado o que mais lhe agradara: ver Nossa Senhora ou receber a Primeira Comunhão. Ela respondeu com presteza e inteligência: “Não cabe fazer comparações; sei apenas que ambas as graças me encheram de felicidade!” Desejo que também vós, irmãos e irmãs, sejais serenos, ou melhor, felizes como Bernadette, porque sustentados pela força da fé e unidos a Jesus Eucarístico e a Maria Santíssima! [...]

Que Maria Auxiliadora dos Cristãos esteja ao vosso lado em todas as circunstâncias de vossa vida, para vos sustentar no caminho que a Providência traça dia após dia diante de vós, num desígnio de amor cujo desfecho será motivo de alegria por toda a eternidade. ✧

Excertos de:  
SÃO JOÃO PAULO II.  
*Homilia na Missa  
com os enfermos, 11/2/1987*

São Pedro e São João diante do túmulo vazio -  
Mosteiro de San Millán de la Cogolla (Espanha)



Francisco Lecaros

## EVANGELHO

<sup>1</sup> No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus, bem de madrugada, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. <sup>2</sup> Então ela saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e lhes disse: “Tiraram o Senhor do túmulo, e não sabemos onde O colocaram”.

<sup>3</sup> Saíram, então, Pedro e o outro discípulo e foram ao túmulo. <sup>4</sup> Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. <sup>5</sup> Olhando para dentro, viu as faixas de linho no chão, mas não entrou. <sup>6</sup> Chegou também Simão Pedro, que vinha correndo atrás, e entrou no túmulo. Viu as faixas de linho dei-

tadas no chão <sup>7</sup> e o pano que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não posto com as faixas, mas enrolado num lugar à parte. <sup>8</sup> Então entrou também o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo. Ele viu, e acreditou. <sup>9</sup> De fato, eles ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual Ele devia ressuscitar dos mortos (Jo 20, 1-9).



# A aurora marial da Ressurreição

A Liturgia nos convida a participar da alegria que inundou Nosso Senhor no instante entre todos grandioso no qual Ele retomou seu Corpo Sagrado. A fim de termos uma ideia desse gáudio, podemos contemplar seu eco fidelíssimo no Coração de Maria.



✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

## I – PERSCRUTANDO O SEGREDO DE MARIA

A alegria da Ressurreição do Senhor é um mistério impenetrável para o comum dos homens. Como medir a altura, a extensão e a profundidade do gáudio quase infinito que pervadiu o Coração de Jesus ao recuperar seu Corpo e elevá-lo ao estado glorioso, triunfando de forma definitiva sobre o pecado e a morte? Trata-se de uma realidade tão sublime que supera em muito nossa pobre inteligência. Embora seja verdadeiro Homem, Nosso Senhor deita as raízes de sua personalidade na Pessoa do Verbo pela graça da união hipostática. Desse modo, sua identidade é plenamente divina e, por isso, seus sentimentos e emoções alcançam um tal ápice de perfeição que se tornam de algum modo inatingíveis por nós.

Assim, para conhecer da maneira mais aproximada possível o júbilo experimentado por Jesus na vitória da Páscoa, a Sabedoria Divina deu-nos a Virgem Maria, Mãe e Sócia do Redentor. Nossa Senhora foi uma caixa de ressonância fidelíssima do comprazimento infável de seu Filho, pois a Ele esteve estreitamente vinculada em toda a epopeia da salvação.

### Arquitetonia da Corredenção de Maria

A Santíssima Virgem é, no mais alto sentido do termo, a Corredentora dos pecadores. Embora

sua cooperação na Paixão de Cristo não fosse *per se* necessária, ela assim se tornou pela vontade do Pai das Luzes, que em seus divinos arcanos determinou dar ao Novo Adão uma companheira fiel, em contraposição à primeira mulher prevaricadora que arrastou Adão ao abismo do pecado. Por essa razão, os mais antigos Padres da Igreja designam Maria como a Nova Eva, toda santa, imaculada e obediente. Sua cooperação reparou da forma mais bela a falta do primitivo casal, culpado de rebeldia e causador das desgraças da humanidade.

São João, em seu Evangelho (cf. Jo 19, 25-27), faz questão de sublinhar o papel compassivo da Virgem-Mãe à sombra da Cruz. Ela permaneceu de pé assistindo ao sacrifício do Cordeiro de Deus e, com espírito sacerdotal, O ofereceu ao Pai Celeste num ato de suprema submissão. As dores lancinantes do Filho foram compartilhadas pela Mãe, que junto a Ele Se imolava com ardente desejo de arrancar das garras imundas de Satanás as almas atadas pelo pecado e escravizadas pela morte.

### Unidos na dor, inseparáveis na vitória

Em consequência, os Corações padecentes de Jesus e de Maria, unidos e como que unificados pelos mesmos sofrimentos e por idêntica caridade, deviam provar em uníssono as consolações da Ressurreição. É por isso que inúmeros Santos afirmam ter sido Nossa Senhora a primeira a

*Como medir o gáudio do Coração de Jesus quando triunfou de forma definitiva sobre o pecado e a morte?*

*No Coração  
de Maria  
podemos  
contemplar,  
como num  
puríssimo  
espelho, os  
verdadeiros  
fulgores da  
Ressurreição  
de Nosso  
Senhor*

encontrar-Se com o Senhor naquela madrugada carregada de bênçãos da verdadeira Páscoa.

Todavia, nossa piedade filial nos leva mais longe. Pelo estreito laço sobrenatural existente entre os dois e pelo dom da permanência das Espécies Eucarísticas, certamente Maria Santíssima acompanhou passo a passo, em seu interior, todos os episódios da Paixão de seu Filho, assim como a Ressurreição. A seguir, deve ter recebido a visita de Jesus pleno de vida e de regozijo, sendo seu espírito maternal então cumulado das mais sublimes alegrias.

É na contemplação do Coração Jubiloso de Maria, abraçado docemente por seu Filho triunfador, que podemos nos elevar à altura do magno acontecimento que hoje contemplamos.

## II – OS PRIMEIROS SINAIS DE UMA VITÓRIA ANUNCIADA

O Evangelho deste Domingo da Páscoa apresenta de maneira sucinta os primeiros indícios da Ressurreição, percebidos com dificuldade pelos discípulos e Santas Mulheres. Com efeito, tratava-se de corações por demais terrenos e até esse momento imperfeitos, que não estavam ainda preparados para se abrirem ao fulgor do evento mais grandioso da História.

Essa dureza de espírito torna-se patente na narração do episódio da Transfiguração feita por São Marcos (cf. Mc 9, 2-13). Após sua manifestação no alto do monte, Jesus impusera reserva sobre o acontecido às três testemunhas escolhidas, até que Ele houvesse ressuscitado dos mortos. Os Apóstolos obedeceram ao Mestre, sem compreender, contudo, o que significava essa referência à ressurreição dos mortos. Mais adiante, no mesmo Evangelho (cf. Mc 9, 31-32), o Senhor revela a todos os discípulos sua futura Morte e Ressurreição. Eles tampouco entendem o que lhes é anunciado e têm medo de perguntar.

Será, com toda a segurança, graças ao convívio com a Corredentora que São Pedro e São João, assim como os demais discípulos, descerrarão seus olhos entenebrecidos pela tristeza à maravilha divina que acabava de suceder. A limitação deles, porém, nos servirá de degrau a fim de ascender até a perfeição do gáudio que comoveu, com ímpeto irresistível, o âmago do Imaculado Coração de Maria.

### *Um amor feroso, mas imperfeito*

<sup>1</sup> No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus, bem de madrugada,

da, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo.

Santa Maria Madalena é um personagem de extraordinária riqueza. Pecadora arrependida após tristes reincidências (cf. Lc 8, 2), mostra uma humildade e um amor ardentes ao banhar os pés de Jesus com lágrimas sinceras e delicado perfume (cf. Lc 7, 37-38). Em Betânia, protagoniza o episódio relatado por São Lucas, em que Nosso Senhor repreende a inquietação de Marta, sua irmã, empenhada em servir os hóspedes, e exalta Maria por ter escolhido a melhor parte (cf. Lc 10, 38-42). E para culminar um convívio assíduo e maravilhoso com o Redentor, assiste à ressurreição do irmão, Lázaro, que, morto havia quatro dias, sai do túmulo caminhando por si mesmo, diante de numerosas testemunhas estupefatas com o poder do Divino Taumaturgo.

É ela que, coberta ainda pelo manto da noite, dirige-se com presteza ao Sepulcro, levada pelo feroso e casto amor que devotava a Jesus. E se é admirável essa atitude, de outra parte nos assombra o fato de Maria Madalena nem sequer suspeitar que o Mestre não podia fazer entre as garras da morte, tendo-a derrotado inúmeras vezes. A chama da caridade ardia em sua alma, mas de modo imperfeito, por ter ela uma fé ainda bruxuleante.

Tal virtude, ao contrário, brilhava com esplendor sereno e vigoroso no Coração Imaculado de Maria. Como reza a Liturgia, Nossa Senhora permaneceu fiel junto ao “altar da Cruz”,<sup>1</sup> sustentada pela esperança da Ressurreição. Sua fé nessa circunstância, a mais dramática que os séculos conheceram, é qualificada de intrépida.<sup>2</sup> Tratava-se de uma fé multiplicada pela fé, de um auge de certeza no bom sucesso em meio ao vale profundo e escuro do aparente fracasso. Bem se pode afirmar que as trevas da Sexta-Feira Santa foram derrotadas pela luz marial que brilhava em seu interior, confirmando-A na convicção absoluta de um triunfo próximo, retumbante e completo.

Essa fé audaz fez de Nossa Senhora a Dama mais corajosa da História. As mulheres providenciais do Antigo Testamento – como Judite, Ester ou Débora – e ainda as mártires mais desassombradas que iluminaram o firmamento da Igreja com sua valentia, devem seu esplêndido dom de fortaleza à intercessão da Virgem das Virgens, que venceu com Jesus o príncipe deste mundo e seus sequazes. Mesmo a ousadia de Santa Joana d’Arc, a virgem-guerreira de Domrémy, envolta em esplendores de cor azul e prata, não é senão uma participação



“Ressurreição de Cristo”, por Fra Angélico - Museu Nacional de São Marcos, Florença

do destemor d’Aquela que é “bela como a Lua, brilhante como o Sol, temível como um exército em ordem de batalha” (Ct 6, 10).

Assim, a visão da pedra removida da entrada do Sepulcro, que tanto aturdiu Maria Madalena, em nada poderia chocar o espírito cristalino e luminoso de Nossa Senhora. Confortada pela visita de Jesus, que A consolou mostrando-Se mais fulgurante e filial do que nunca, Ela exultava em sua alma com uma alegria incomparavelmente superior às lancinantes dores da Paixão.

### *Sem a luz da fé, tudo é trevas*

<sup>2</sup>Então ela saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e lhes disse: “Tiraram o Senhor do túmulo, e não sabemos onde O colocaram”.

Espanta o fato de Maria Madalena ter ido procurar São Pedro e São João, e não Nossa Senhora. Por algum motivo misterioso, a Santíssima Virgem vivia os acontecimentos ligados à Ressurreição num certo isolamento. Quicá a incredulidade dos discípulos os impedisse de procurar sua presença e pedir seus conselhos.

A falta de fé da Madalena fazia com que tudo fosse trevas para seu espírito. O fato de o Sepulcro estar aberto, em vez de constituir um sinal da vitória de Cristo, se lhe afigurava como o resultado de um furto sacrílego: teriam subtraído

o Corpo de Nosso Senhor e o deixado num paradeiro desconhecido. Consequência desse estado de alma foi a agitação febricitada com que ela correu a fim de comunicar aos Apóstolos a notícia.

Nossa Senhora permanecia nessa altura numa paz inefável, iluminada por um gáudio sacral e elevado. Talvez conferisse em seu Coração as profecias sobre a Morte e a Ressurreição de seu Filho, as quais haviam se cumprido admiravelmente e compunham em seu espírito um maravilhoso vitral atravessado pelos raios do autêntico Sol invicto.

Quando o resplendor da esperança não ilumina as almas, tudo escurece e não há poder terreno capaz de dissipar as sombrias tristezas dos corações. Sirva de lição para nós,

imersos num mundo tomado pelas efêmeras comodidades e seguranças decorrentes de toda sorte de avanços científicos e tecnológicos, que deu as costas a qualquer perspectiva de eternidade. Viver sem fé importa em reduzir a humanidade a uma nova era das cavernas, em que sucedâneos de luz enganam uma multidão de indivíduos ludibriados pelo mito do progresso. Contudo, os crescentes níveis de afecções psicológicas frutos da ansiedade, depressão e delírio, mostram quanto a vontade humana aspira a um amor infinito, que só Deus pode conceder.

### *Antes e depois de Maria*

<sup>3</sup>Saíram, então, Pedro e o outro discípulo e foram ao túmulo. <sup>4</sup>Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao túmulo.

Os dois discípulos saem às pressas, sem a menor reflexão, em direção ao Santo Sepulcro. De algum modo, eram eles os culpados pela cegueira dos demais, já que São Pedro fora constituído Príncipe dos Apóstolos e São João havia recebido como herança a custódia da Virgem. Ambos enxergavam apenas a realidade concreta; a ótica da fé não luzia em seus corações. Eles, que deveriam ter sido os porta-estandartes da esperança, deixaram-se contagiar pela febricitação da informante e partiram, velozes, para ver com as vistas da carne o que o olhar interior não podia contemplar.

*A visão da pedra removida da entrada do Sepulcro, que tanto aturdiu Santa Maria Madalena, não causaria espanto em Nossa Senhora*

*Quando os pilares da Igreja se abalavam pelo cruel desmentido da Cruz, a Virgem custodiava em seu Coração o admirável depósito da fé*

Nesse ponto, sobressai o papel providencial de Nossa Senhora como portadora da tocha da certeza, no momento da terrível provação. Quando os pilares da Igreja se abalavam pelo cruel desmentido da Cruz, uma chama ardia com intensidade admirável: era a Santíssima Virgem que, com fidelidade adamantina, custodiava intacto em seu Coração Doloroso e Imaculado o admirável depósito da fé. Ela foi a arca venerável que, em meio ao dilúvio de Sangue do Calvário, abrigou o fogo sagrado da verdade, o qual em Pentecostes se transformaria num incêndio irresistível, espalhando-se pelos quatro cantos da terra.

Vê-se, assim, o quanto se pode considerar um antes e um depois de Maria na História da Igreja. Somente através d'Ela quis o Filho derramar suas melhores graças sobre os Apóstolos e sobre toda a Igreja.

#### **Caridade hierárquica**

<sup>5</sup> Olhando para dentro, viu as faixas de linho no chão, mas não entrou.

São João soube honrar a veneranda idade de São Pedro e, sobretudo, sua condição de chefe da Igreja. O fato de não querer entrar no Sepulcro antes dele indica uma atitude respeitosa, que sublinha o caráter hierárquico da caridade cristã, a qual, ao contrário da demagogia igualitária, prima em observar a ordem instituída por Deus em todas as realidades criadas e, de forma especial, no Corpo Místico de Cristo.

Sem dúvida, essa atitude conquistou para o Discípulo Amado graças preliminares à fé na Ressurreição. Nela se percebe a influência de Maria Santíssima que, em sua profunda humildade, se comprazia em honrar toda sorte de superioridade, esquecendo-Se de Si mesma e de suas prerrogativas régias.

#### **O primeiro indício da Ressurreição**

<sup>6</sup> Chegou também Simão Pedro, que vinha correndo atrás, e entrou no túmulo. Viu as faixas de linho deitadas no chão <sup>7</sup> e o pano

que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não posto com as faixas, mas enrolado num lugar à parte.

Finalmente São Pedro alcança São João e, sem titubear, entra no túmulo, ação proibida aos judeus. Vê as faixas de linho que envolveram o Corpo – um “grande tecido”, segundo traduções mais recentes dos originais gregos, o que permite identificá-las com o Sudário de Turim – e observa que o pano posto sobre o rosto de Jesus está depositado num lugar à parte.

Ora, se ladrões houvessem roubado o Corpo, não teriam tomado o cuidado de retirar o tecido de linho nem de dobrar o pano mortuário. O que significava tudo aquilo? Pedro considerou esses detalhes, mas não descobriu neles o primeiro indício da Ressurreição. Se naquele momento houvesse analisado o Sudário, ao ver as marcas discretas mas inconfundíveis do Divino Mestre teria caído de joelhos e de seus lábios brotaria

a mais bela confissão de fé. Entretanto, o medo que a situação embaraçante lhe causava, paralisou seu espírito.

Totalmente diversa teria sido a atitude de Nossa Senhora. Propensa a adorar qualquer vestígio de seu Divino Filho, Ela veneraria com torrentes de entusiasmo aquelas relíquias e, diante de seus olhos, se desvelaria o extraordinário segredo que o Sudário continha. Só voam as inteligências que se deixam levar pelas asas da convicção da vitória!

#### **Acende-se a chama da fé, pela influência de Maria**

<sup>8</sup> Então entrou também o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo. Ele viu, e acreditou. <sup>9</sup> De fato, eles ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual Ele devia ressuscitar dos mortos.

Os discípulos não compreendiam porque lhes faltava a principal ferramenta para perscrutar



Imaculado Coração de Maria - Igreja de Santa Cecília, São Paulo

as Escrituras: a virtude da fé. Quanta dureza de coração tal carência indica. Jesus havia revelado com clareza qual seria o fim de sua vida nesta terra, sublinhando que venceria para sempre o demônio e a morte. Todavia, o desejo de considerar o Divino Mestre segundo as influências embaçadas da Opinião Pública dominante tornava-os surdos às profecias do Filho de Deus. A falta de fé gera superficialidade de espírito, vício ao qual se soma infalivelmente a pusilanimidade.

João, o Apóstolo mariano por excelência, foi o primeiro a crer. Aqueles sinais serviram de centelha divina para reacender a chama da fé em sua alma. Ele viu e acreditou, sem dúvida pela influência benéfica da maternidade espiritual de Nossa Senhora, que se exercia de forma especial sobre o Discípulo Amado desde que este A recebeu como herança no Calvário.

### III – A PÁSCOA À LUZ DE MARIA

Nossa Senhora foi sempre um mar de recolhimento profundo, transparente e virginal. Ela guardava e conferia em seu Coração cada gesto e cada palavra de seu Divino Filho, com uma sede infinita de compreender e de amar o significado dos mais variados matizes que sobre Ele Lhe iam sendo revelados. Desse modo, seu espírito tornou-se perseverante, forte e resistente. Ela permaneceu em pé junto à Cruz, acompanhada tão só das Santas Mulheres e de São João, que por Ela nutria uma filial afeição. Os demais discípulos conservaram-se distantes e medrosos.

Somente Maria pôde com toda a propriedade sofrer com o Cordeiro Imaculado, e unir-Se a Ele no sacrifício que fazia de Si mesmo. Nossa Senhora foi, de alguma maneira, vítima com a Suprema Vítima e sacerdote com o Divino Sacerdote. Não se tratava de um sacerdócio sacramental, como o dos Bispos e presbíteros, mas de uma participação direta no próprio sacerdócio de Jesus, Sumo Pontífice da Nova e Eterna Aliança, que, neste caso particularíssimo, dava-Lhe a prerrogativa de, ao consentir em cada passo da Paixão de seu Filho, ser de certa forma Ela mesma quem O oferecia ao Pai. A Santíssima Virgem tornou-Se, portanto, Corredentora com o Redentor, glória quiçá superada apenas pela Maternidade Divina.

E se árdua foi a luta, altíssimo foi o prêmio e indizível a alegria. Contemplando esse gáudio marial que se acendeu no preciso momento de o

Senhor da glória retomar o seu Corpo, podemos nos elevar à felicidade sem limites que inundou para sempre o Coração Sacratíssimo de Jesus no mais belo domingo da História.

#### *Uma Igreja marial*

À vista deste Evangelho e da discreta referência à fé da Santíssima Virgem descoberta em suas entrelinhas, emerge uma questão de capital importância a respeito do futuro da Igreja.

Se o papel de Maria, Mãe de Deus e nossa, foi crucial por ocasião da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, no sentido de manifestar com um esplendor único a virtude da esperança, tão ofuscada no espírito dos discípulos, qual será a missão d'Ela na atual conjuntura, em que a verdade revelada é esquecida, ridicularizada e até calcada aos pés por lobos disfarçados de pastores?

Ademais, se Jesus quis que o dom precioso da fé fosse conservado por sua Mãe quando todos vacilavam, não terá consagrado a Ela o encargo de zelar com maternal cuidado pela integridade da fé dos Apóstolos dos Últimos Tempos, anunciados por profetas da envergadura de um São Luís Maria Grignion de Montfort? E como será essa virtude em homens e mulheres chamados a esperar contra toda esperança? Em vista das considerações feitas anteriormente, pode-se pressagiar uma fé toda marial e, portanto, uma fé audaz, invencível e gloriosa; uma fé ardente, que incendiará o mundo e renovará a face da terra, inundando-a de exultação.

Dessa fé nascerá uma Igreja marial, capaz de atrair irresistivelmente as almas que se converteram diante das manifestações imponentes da misericórdia e da justiça de Deus; uma Igreja que, como Nossa Senhora, será guerreira indomável e, com a força que Lhe virá do Espírito Santo, expulsará para os antros do inferno a Satanás e seus sequazes; uma Igreja radiante de santa alegria, animada de entusiasmo divino, que com o sorriso da Virgem-Mãe iluminará de forma irresistível o universo inteiro. ✧

*Nossa Senhora zelará para que a fé dos Apóstolos dos Últimos Tempos renove a face da terra e dê origem a uma Igreja marial*

<sup>1</sup> A VIRGEM MARIA, JUNTO À CRUZ DO SENHOR (I). Oração sobre as oblatas. In: CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Coletânea de Missas da Virgem Santa Maria. Missal*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014, p.74.

<sup>2</sup> Cf. BENTO XVI. *Ato de veneração à Virgem Imaculada na Praça de Espanha*, 8/12/2007.

# O conselho de Maria

Ela Se compadece dos homens desorientados e lhes obtém um auxílio, uma luz interior, um discernimento especial... Maria Santíssima sempre tem uma palavra a transmitir nos momentos de dúvida e apreensão!



✠ Ir. Diana Milena Devia Burbano, EP

**O**rnada com as mais insígnias graças, Maria foi, e sempre será, objeto de fidal admiração. Com efeito, contemplam os fiéis de todos os tempos os encantos de sua alma santíssima, a insondável dimensão de suas virtudes e a magnificência com que o Senhor A coroou, concedendo-Lhe – propriamente sem medida – todos os dons.

Entre os mais belos títulos atribuídos pela piedade católica a Nossa Senhora, está o de Mãe do Bom Conselho, o qual exprime uma sublime realidade: além de ter gerado o “Conselheiro admirável” (Is 9, 5), Ela foi plena das maravilhas operadas pelo Espírito Santo através do dom de conselho.

Como terá sido a atuação deste dom n’Aquele que foi perfeita desde a concepção e digna de ser invocada como “cheia de graça” (Lc 1, 28)?

## ***Dons e virtudes no caminho da santidade***

O homem foi criado para conhecer, amar e servir ao Senhor nesta terra, e dar-Lhe glória no Céu por toda a eternidade. Chamado a participar da vida divina, ele é elevado pelo Sacramento do Batismo à ordem sobrenatural e admitido como filho de Deus no seio da Santa Igreja.

Juntamente com a graça santificante, no Batismo são infundidas na

alma do cristão as virtudes teologais e cardeais, que o inclinam a realizar boas obras.<sup>1</sup> Contudo, considerando que após o pecado original a vontade do homem se tornou fraca e as virtudes não lhe são suficientes para alcançar a santidade, o Altíssimo lhe concede também os sete dons do Espírito Santo: entendimento, sabedoria, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus, os quais são hábitos sobrenaturais infusos que atuam sobre as virtudes, robustecendo-as e conduzindo-as a seu pleno desenvolvimento.

Através dos dons, a alma recebe não apenas um convite sobrenatural para praticar o bem ou evitar o mal – como é próprio às virtudes –, mas uma moção especial do Espírito Santo que a impele a executar aquilo que Deus deseja.<sup>2</sup> Desse modo, eles exigem mais docilidade do que atividade, à maneira de um navegante que pode usar remos, ou ser levado pela força do vento que enfuna as velas de seu navio. As virtudes ajudam a avançar – porém, com trabalho e dificuldade –, enquanto os dons impulsioanam a alma a obedecer prontamente às menores inspirações da graça.

Por outro lado, cada um dos sete dons está relacionado de forma especial com a perfeição de alguma virtude. Assim, a caridade é aperfeiçoada pelo dom de sabedoria; a fé, pelos

dons de ciência e entendimento; a esperança e a temperança, pelo dom do temor; a prudência, pelo dom de conselho; a justiça, pelo dom de piedade; a virtude da fortaleza, pelo dom de fortaleza.

## ***O dom de conselho***

O dom de conselho é, pois, um hábito sobrenatural que dá à alma a capacidade de julgar pronta e seguramente, por uma espécie de intuição, o que convém fazer, sobretudo nos casos mais difíceis. Seu objeto próprio é “a boa direção das ações particulares”.<sup>3</sup> Ele nos permite conciliar a simplicidade com a astúcia, a firmeza com a suavidade, e nos auxilia no caminho em direção a Deus.

Este dom acaba sendo uma discreta luz a nos guiar entre as obscuridades da fé, e torna nossas almas misericordiosas à medida que são acrisoladas pelos sofrimentos, por seus próprios defeitos e debilidades, e até pela comprovação da malícia dos homens.

## ***O conselho em Maria***

Por serem hábitos sobrenaturais, os dons do Espírito Santo seguem proporcionalmente a graça, de maneira que, quanto mais elevada é uma alma, mais intensa se verifica a atuação dos dons nela. Por consequência, em Maria Santíssima atingiram eles



**Pelo dom de conselho, Nossa Senhora transformava em atos concretos as mais altas luzes recebidas na contemplação**

Nossa Senhora do Bom Conselho - Santuário a Ela dedicado em Genazzano (Itália)

um grau excelso, como menciona o Pe. Philipon: “Depois de Cristo, a Mãe de Jesus, Mãe de Deus e dos homens, Mãe do Cristo total, foi a alma mais dócil ao Espírito Santo. [...] Cada um de seus atos conscientes procediam d’Ela e do Espírito Santo, e apresentavam a modalidade deiforme das virtudes perfeitas sob o regime dos dons”.<sup>4</sup>

Pelo dom de conselho, Nossa Senhora revestia de perfeição até mesmo as mais insignificantes ações, e em tudo agia – sob a inspiração do Espírito Santo – da maneira mais conveniente para a glória de Deus e o cumprimento de seus desígnios de salvação.<sup>5</sup> Em suma, Ela transformava em atos concretos as mais altas luzes recebidas na contemplação.

Por isso, à Santíssima Virgem podem-se aplicar com toda a propriedade as palavras da Escritura: “O conselho te guardará e a prudência te conservará” (Pr 2, 11).

***Uma vida regida pelo conselho***

Analisando a vida de Maria, encontramos diversas ocasiões em que a luz do conselho iluminou de modo mais marcante seus atos. Por exemplo, em sua apresentação no Templo, foi ele que A levou a discernir ser da vontade de Deus firmar, desde a infância, o voto de virgindade; e no momento da Anunciação, antes de manifestar seu consentimento, fê-La querer conhecer as disposições divinas, para então oferecer-Se totalmente ao Senhor.<sup>6</sup>

Nas Bodas de Caná, igualmente, foi o dom de conselho que Lhe inspirou a humilde audácia de contradizer os desejos aparentes de seu Filho, advertindo com solicitude aos servos: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 5). Como observa o Pe. Gardeil, “Ela ordena aos servidores que façam tudo o que disser seu Filho, e o milagre se realiza. Seu conselho prevaleceu, porque era no fundo o conselho de

um amor inspirado pelo Deus de misericórdia”.<sup>7</sup>

***Maria: Conselheira admirável!***

Enfim, o dom de conselho fez de Maria a perfeita Mãe do Verbo Encarnado, Aquela que realizou em plenitude seus desígnios, a nova Eva, resplandecente de fidelidade e pureza virginal. Nossa Senhora manifestou-Se ao mundo como “Conselheira admirável”, ao revelar os planos divinos no *Magnificat* e indicar aos homens o caminho da salvação: cumprir a vontade de seu Divino Filho. Ela sustentou a Igreja aos pés da Cruz, permitindo-lhe atravessar as agruras da Paixão e consolidando-a para a vinda do Espírito Consolador.

Animados por essas considerações, nos momentos de prova, de sofrimento e de incerteza, recorramos com confiança a este Bom Conselho chamado Maria, e não duvidemos nunca de sua poderosa intervenção! ✨

<sup>1</sup> Cf. CCE 1803.

<sup>2</sup> Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *La Virgen María*. 2.ed. Madrid: BAC, 1997, p.306.

<sup>3</sup> ROSCHINI, OSM, Gabriel. *Instruções marianas*. São Paulo: Paulinas, 1960, p.176.

<sup>4</sup> PHILIPON, OP, Marie-Michel. *Los dones del Espíritu Santo*.

2.ed. Madrid: Palabra, 1983, p.357-358.

<sup>5</sup> Cf. ROYO MARÍN, op. cit., p.319.

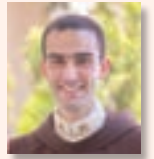
<sup>6</sup> Cf. ROSCHINI, op. cit., p.176-177.

<sup>7</sup> GARDEIL, OP, Ambroise. *Les dons du Saint-Esprit dans les Saints dominicains*. Paris: Victor Lecoffre, 1905, p.192.

# Equilíbrio, fé e humildade

Mais do que ter sido arauto da Virgem por suas palavras, Bernadette configurou-se a tal ponto com seu chamado que sua existência constituiu um apelo à conversão tão eficaz quanto as águas que banham a Gruta de Lourdes.

✎ **Fábio Henrique Resende Costa**



**É** impossível pensar na cidade de Lourdes, hoje em dia, sem associá-la à impactante figura do santuário regurgitando de fiéis, que para lá se dirigem a fim de rogar a Deus um favor ou uma graça, por intermédio de sua Mãe Santíssima. Contudo, bem outra era a realidade em 11 de fevereiro de 1858, quando por primeira vez Nossa Senhora apareceu a Bernadette Soubirous.

Por um infeliz acaso que costuma acompanhar a vida dos homens investidos de uma missão sobrenatural, as incompreensões e ingratidões são as moedas com as quais recebem, nesta terra, a paga por tão alto encargo. Afinal, que criminoso terá prestado tantos interrogatórios, tão exaustivos quanto infundáveis, como esta menina inábil e indefesa que foi Bernadette? Por que dramas, reveses e lutas ela não precisou passar, com o propósito de tornar público o apelo à conversão e à prática da penitência, consoante ao expresso desejo daquela Senhora vestida de branco que a visitou na Gruta de Massabielle?

As cartas, notas pessoais e cópias de textos diversos de Santa Bernadette nos revelam um pouco dessa sua “via espiritual”, isto é, dos sinuo-

sos caminhos interiores pelos quais a Providência a conduziu, com vistas ao cumprimento de uma sublime missão. Descobertos certos véus dessa alma



Santa Bernadette Soubirous

*A via espiritual pela qual a Providência conduziu a vidente de Massabielle esteve marcada por dramas, reveses e lutas*

tão cara a Deus e a Nossa Senhora, teremos condições de conhecê-la com mais profundidade, a fim de melhor imitar suas virtudes.

## *Características psicológicas de Bernadette Soubirous*

Como ponto de partida, aplique-mos a atenção num pormenor que, a qualquer pessoa dotada de um incipiente senso grafológico, causa surpresa e admiração: os aspectos psicológicos esboçados em sua grafia tão homogênea e estável, caracterizada pela pressão constante da pluma firme e angulosa, que não descuidada em desenhar as palavras com elegância.

A um só tempo, a letra de Santa Bernadette externa diversos predicados que, a *contrario sensu*, desmentem certa visão unilateral, equivocada, que pretende estigmatizar a jovem como uma pessoa inepta ou ignorante. Se suas redações estiveram pontilhadas com maiores ou menores deslizes gramaticais até o fim da vida, isso não foi empecilho para que seu caráter decidido e equilibrado encontrasse expressão nas linhas de sua escrita. Destarte, o senso de impor-se altos ideais somado à autocrítica estão latentes em sua bela letra.



ayez la bonté de prier  
 Dieu pour le pauvre âme  
 qui de son côté vous promet  
 de ne pas vous oublier dans  
 ses prières  
 Bernadette Soubirou

Escrito de Santa Bernadette

*Os escritos de Santa Bernadette revelam sua índole afetiva, e o caráter decidido e equilibrado com que traçou para si um plano de vida*

Ademais, a caligrafia de Santa Bernadette desvenda sua índole afetiva, de alguém transbordante de generosidade e amor pelos outros, bastante sensível ao trato recebido. Não é à toa que, à vista de alguma criança, estabelecia-se logo uma ligação que as aproximava, a ponto de os pequenos formarem roda em torno da vidente...

Sua escrita não desmente, enfim, a tendência ao isolamento, talvez por ela não encontrar nos outros os modelos de virtude e de retidão impostos a si, e buscados com tanto empenho.

### **Plano de vida expresso em suas notas íntimas**

Cabe ressaltar que a santificação não é somente fruto de uma dádiva divina; a conquista da santidade se cifra numa luta constante, da qual não estão isentos nem mesmo os grandes místicos. Pelo contrário, Deus exige dos seus amigos uma renúncia ininterrupta e, em geral, duríssima. Quando bem analisado, o itinerário espiritual dessas almas de escol se revela tão – dir-se-ia – “normal”, “comum”, que enche de esperança a todos os homens.

Em um dos seus pequenos cadernos de notas íntimas, já no título a Santa francesa resume o plano por ela delineado: “Fazer sempre o que custa mais”.<sup>1</sup> À vista disso, Bernadette traçou para si algumas metas que externam sua seriedade e afinco na busca

da perfeição, a começar por aquilo que diz respeito à vida interior:

“1º) Nunca desanimar, ver a santa vontade de Deus em tudo o que vai me acontecer, agradecer-Lhe por tudo, pensando que é para o meu maior bem que Ele o permite.

“2º) Trabalhar para me tornar indiferente a tudo quanto disserem ou pensarem de mim minhas superiores ou minhas companheiras; desapegar-me de tudo, para me dedicar unicamente a agradar a Deus e salvar minha alma. Lembrar-me frequentemente deste dito: ‘Só Deus é bom, e só d’Ele espero a recompensa’;

“3º) Jamais amizades particulares, amar todas as minhas irmãs somente para agradar a Deus”.

### **“Uma boa freira deve pedir a Deus...”**

Graças a essa conduta virtuosa enacetada desde quando Nossa Senhora lhe confidenciou seus primeiros anelos em Massabielle, a vidente pôde resumir a santidade numas curtas frases, impregnadas tanto de Teologia quanto de caridade, e aplicáveis a qualquer batizado que enseje alcançar o Céu:

“Uma boa freira deve pedir a Deus:  
 Mais humildade que humilhação,  
 Mais paciência que sofrimento,  
 Mais vontade que obras,  
 Mais amor que ações,  
 Mais abandono que ordens,  
 Mais atos que palavras,

Mais aplicação à santidade do que à saúde”.

E ainda nesta esteira, com o fito de esclarecer para si – e para os anos vindouros – o eixo em torno do qual deve girar a vida cotidiana de uma alma consagrada, afirmará a Santa: “Uma religiosa deve viver na mortificação como um peixe na água; não é o mesmo quando uma religiosa não é mortificada. A aplicação séria em todos os deveres leva necessariamente ao exercício da mortificação contínua em todos os momentos. Se não se mortifica, falta-se aos deveres. De onde vêm as violações da regra e dos votos? De onde vem o relaxamento de algumas comunidades? Vêm do fato de não se pôr em prática ou não se manter o exercício da mortificação. [...] Na minha opinião, [uma irmã mortificada] poderia entrar no Céu sem passar pelas chamas do Purgatório!”

### **Atração pela vida humilde e escondida**

No tocante à sua humildade, um fato ilustrativo ocorreu entre ela e certa irmã de hábito, Josephine. Dado que Bernadette reagia com vigor nas relações e conversas cotidianas, por causa de seu temperamento, ela acabou por incorrer num destrato. Tendo se separado da referida irmã, deu-se conta de sua imperfeição em desviagar sua “susceptibilidade” e voltou para lhe pedir desculpas, mediante o seguinte bilhete:

“Minha boa Ir. Josephine,  
“Peço-lhe perdão pelo mau exemplo que lhe dei, bem como por todas as [minhas ações] desedificantes.

“Por favor, perdoe-me e reze um pouco por mim; a senhora vê o quanto sou pobre em virtude”.

Essa busca pela verdadeira humildade foi sendo acrisolada ao longo da trajetória terrena de Bernadette, como prova certa oração redigida por ela numa de suas notas íntimas:

“Meu Divino Esposo deu-me uma atração pela vida humilde e escondida, e muitas vezes me disse que meu coração só pararia quando eu Lho tivesse sacrificado por inteiro. E para me decidir, Ele frequentemente me inspirava que, afinal, na hora da morte, eu não teria outro consolador senão Jesus, e Jesus crucificado. Ele somente, fiel amigo, entre meus dedos gelados, em minha tumba levarei. Ó loucura das loucuras, apegar-me a outra coisa que não a Ele”.

### **Lições dos textos transcritos**

É interessante apreciar certo costume adotado por Bernadette, cuja origem não se conhece bem, mas que não deixa de ser louvável: em meio aos seus inúmeros escritos, ela se esforçou por copiar livros inteiros de meditações! Ao que parece, dado o regime de pobreza religiosa, não podendo ter em posse os livros pertencentes à biblioteca conventual, a Santa não encontrou melhor saída do que os copiar...

Entre esses textos artisticamente transcritos pela Santa francesa, figura uma carta de Santa Joana de Chantal a São Francisco de Sales: “Ó Senhor Jesus, não quero mais escolha, tocai na corda do meu alaúde que Vos agrade; sempre, e para sempre, só soarará esta única harmonia: Sim, Senhor Jesus, sem *se*, sem *mas*, sem *exceção*... *Fiat* em tudo e em mim”.



Santa Bernadette no Convento de Saint-Gildard, Nevers (França)

*Deus escolheu Bernadette para ser uma lição viva daquilo que Lourdes espelhava para todo o mundo: o milagre da aceitação do sofrimento*

De fato, a partir de seu *fiat*, a Providência escolheu Bernadette para ser, embora ignorada e reclusa num convento, uma lição viva e valiosa daquilo que Lourdes passava a espelhar para todo o mundo: o milagre da aceitação da dor, do sofrimento e até da derrota e do fracasso, se for preciso.

Se nos causa admiração saber que uma menina foi eleita como porta-

-voz da Imaculada Conceição, para fundar o lugar de peregrinação mundial mais fértil em milagres, deveria produzir em nós igual entusiasmo sua vida austera e pontilhada de quantas privações lícitas.

Mas não é isso que parece acontecer. Quando deitamos o olhar ao nosso redor e consideramos as misérias da natureza humana decaída pelo pecado original, compreendemos que semelhante ato de doação e abnegação está distante do nosso egoísmo, causando-nos apenas uma tímida admiração, ou até certa aversão.

Preferiríamos ser levados a crer que a santidade de Bernadette, e de quantos outros bem-aventurados, foi antes, e somente, pura dádiva divina, alheia ao concurso da vontade disciplinada e aos exercícios de virtude. Claro está que a santificação é favor gratuito de Deus, mas isso não deve gerar a falsa ideia de que Ele não anela nossa participação ativa em sua consecução, dado ser a vida um combate.

### **Espiritualidade cheia de luz e equilíbrio**

Assim sendo, se as notas íntimas de Bernadette nos revelam claramente sua confiança, e os escritos copiados nos sugerem suas preferências e escolhas profundas, suas cartas merecem atenção especial. Elas calam fundo na alma, porquanto externam as virtudes dominantes desta espiritualidade cheia de luz e equilíbrio: a humildade e a fé.

Um exemplo nos será suficiente para comprová-las: a missiva endereçada ao Papa Pio IX, a pedido e insistência de um prelado, Dom Ladoue, datada de 17 de dezembro de 1876:

“Santíssimo Padre,

“Jamais teria ousado tomar a pluma para escrever a Vossa Santidade,

eu, pobre, pequena irmã [...]. Tive medo, a princípio, de ser muito indiscreta; então me ocorreu que Nosso Senhor gosta de ser importunado tanto pelo pequeno como pelo grande, pelo pobre como pelo rico, que Ele Se entrega a cada um de nós sem distinção. Este pensamento deu-me coragem, assim já não temo mais; venho a vós, Santo Padre, como uma pobre criança ao mais terno dos pais, cheia de abandono e confiança. O que posso fazer, Santíssimo Padre, para vos testemunhar meu amor filial? Só posso continuar a fazer o que tenho feito até agora, isto é, *sofrer e rezar*. Há alguns anos me constituí, embora indigna, pequeno zuavo<sup>2</sup> de Vossa Santidade; minhas armas são a *oração e o sacrifício*, que guardarei até meu último suspiro. Lá, somente, cairá a arma do sacrifício, mas a da oração seguir-me-á até o Céu, onde será muito mais poderosa do que nesta terra de exílio”.

Quem pretenderia duvidar que nestes dois verbos, sofrer e rezar, resume-se a via espiritual de Santa Bernadette?

A sua vida nos atesta que apenas a oração e o sofrimento foram capazes de garantir-lhe a estabilidade na prática da virtude, ainda que so-

prassem os infortúnios e as incompreensões ao longo de sua peregrinação terrena.

### *O testemunho de uma vida: maior milagre de Lourdes*

Não é à toa que um dos critérios de prudência adotados pela Igreja na verificação da autenticidade das revelações particulares, como as que recebeu Bernadette, consiste em analisar detida e atentamente a conduta dos videntes: o testemunho decisivo será, pois, o de sua vida.

Mais do que ter sido anunciadora do sobrenatural e arauto da Virgem por suas palavras, Bernadette a tal ponto assumiu sua missão, configurando-se com ela, que sua existência

*Bernadette a tal ponto configurou-se com sua missão, que passou a ser um apelo à conversão tão eficaz quanto as miraculosas águas de Lourdes*

passou a ser um apelo à conversão pelo menos tão eficaz quanto as miraculosas águas que banham a Gruta de Lourdes; sua morte, um convite à penitência; e seu corpo quase intocado pela decomposição própria aos males do pecado original, um indício da glória a ela concedida, uma vez cruzados os umbrais da peregrinação terrena.

Assim, desde 16 de abril de 1879 – dia de seu falecimento – até o presente, Santa Bernadette continua a ser para a Cristandade um instrumento da ternura maternal de Maria, “e da misericordiosa onipotência de seu Filho, para restaurar o mundo em Cristo por uma nova e incomparável efusão da Redenção”.<sup>3</sup>

Santa Bernadette, rogai por nós! ✧

<sup>1</sup> Todas as citações da vidente transcritas neste artigo foram extraídas da obra: SÆURS DE LA CHARITÉ DE NEVERS. *Les écrits de Sainte Bernadette et sa voie spirituelle*. Paris-Lourdes: P. Lethielleux; Œuvre de la Grotte, 2003.

<sup>2</sup> A expressão evoca a dedicação e sacrifício dos zuavos pontifícios, nas lutas pelos Estados Pontifícios, naquelas décadas do século XIX.

<sup>3</sup> PIO XII. *Le pèlerinage de Lourdes*, n.4.



Corpo incorrupto de Santa Bernadette - Convento de Saint-Gildard, Nevers (França)

Hugo Grados

# “E ficarei mais branco do que a neve”

A água que brota na Gruta de Lourdes exprime a realidade invisível do que Nossa Senhora quer operar em nosso interior, comunicando-nos graças inteiramente mariais, que nos convidam a uma mudança de vida.



✚ Ir. Cássia Thaís Costa Dias de Arruda, EP



Dennis Jarvis (CC by-sa 2.0)

**A**o longo dos séculos a piedade católica outorgou à Santíssima Virgem belíssimos títulos, recolhidos com esmero pela Santa Igreja e conservados até os dias atuais. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Mãe do Bom Conselho, Auxiliadora dos Cristãos e milhares de outras invocações exprimem, cada uma a seu modo, as incontáveis prerrogativas de Maria e os mais variados matizes de sua misericórdia.

Dentre elas se destaca, por sua importância e sublimidade, a Imaculada Conceição. Foi a própria Santíssima Virgem quem Se apresentou ao mundo enquanto detentora desse augusto privilégio, manifestando seu desejo de ser assim invocada pelos fiéis. Ora, qual é a causa mais profunda desse desejo de Maria?

A palavra *imaculada* significa *sem mácula*. No que diz respeito a Nossa Senhora, indica que Ela foi preservada de toda mancha, inclusive a do pecado original, com a qual os homens são concebidos desde a expulsão de Adão e Eva do Paraíso Terrestre. Predestinada para ser a Mãe do Verbo de Deus Encarnado, portanto da Pureza em essência, não poderia Ela ser toca-

da pela menor sombra de mal. A Virgem foi sempre santa, em virtude da santidade do fruto de seu ventre.

Rezar a Maria Imaculada consiste, pois, em suplicar, desde o abismo de nossas misérias, Àquela que é puríssima por excelência que não apenas nos limpe de toda culpa, como também arranque definitivamente as más tendências e defeitos que carregamos em nosso interior, tornando-nos puros como Ela; em suma, consiste em pedir que Nossa Senhora nos comunique a sua própria “imaculabilidade”,<sup>1</sup> na eloquente expressão de São Maximiliano Maria Kolbe.

Graças particularmente profundas nesse sentido são derramadas em profusão num santuário muito famoso no mundo inteiro: o de Lourdes. Ali, onde “a Imaculada Conceição” dignou-Se aparecer a uma simples juvenzinha, as mais variadas e impressionantes restaurações físicas e espirituais se produzem, fazendo-nos pensar que, verdadeiramente, o Céu desceu à terra.

## Por que uma fonte?

Desde 1858, ano das aparições em Lourdes, acorrem à Gruta de Massabielle fiéis de todo o mundo, desejosos

de beber da fonte miraculosa e suplicar a cura de seus males. Aquelas pedras brutas e frias, tornadas tão atraentes pela presença de Nossa Senhora, são “testemunhas” dos inúmeros milagres da graça operados em favor dos peregrinos.

Apesar do incontável número de coxos, cegos, surdos, acidentados e deficientes de toda espécie que alcançaram a cura, o mais belo milagre ali realizado pela Santíssima Virgem é a transformação dos corações. De fato, ainda mais abundantes do que os enfermos miraculados são aqueles que se viram “lavados por dentro”, e tiveram restaurados – ou mesmo instaurados – o amor a Deus e a vida da graça em suas almas.

Percebe-se nisso a razão simbólica de Nossa Senhora ter feito jorrar na gruta uma fonte: assim como a água limpa e purifica os corpos de suas máculas, a graça alveja até o mais íntimo da alma daqueles que de Maria se aproximam.

## Um incrível que renasce para a graça

“Um corpo sadio que guarda um coração adoentado jamais encontrará

a verdadeira felicidade!”<sup>2</sup>, disse certa vez um miraculado, Vittorio Micheli, mais satisfeito por sua fé ardente do que pela recuperação da saúde. Com efeito, não houve um só peregrino curado em Lourdes que tenha voltado para casa com a alma menos favorecida do que o corpo.

Um exemplo comovente dessa verdade deu-se em 1901, com Gabriel Gargam.<sup>3</sup> Após o trem em que viajava ter se chocado com um expresso que vinha na direção contrária, ele ficara paraplégico e com todas as funções orgânicas abaladas; carregava consigo o fatídico diagnóstico de que seu estado era irreversível e, provavelmente, logo a morte o colheria. Seu peso se reduziu a trinta e seis quilos, a alimentação era feita através de sonda, e seus pés estavam cobertos de feridas purulentas... Nessa difícil situação, Gargam foi avisado de que em breve passaria por uma delicada cirurgia. Não querendo, porém, de nenhuma forma se submeter à operação por considerá-la inútil, viu-se obrigado a aceitar uma outra proposta, para ele só um pouco menos desagradável, que lhe fizera sua mãe: participar da peregrinação nacional a Lourdes. O enfermo não acreditava em milagres e acedeu a contragosto, apenas por ser esta a única forma de deixar o hospital.

Chegando, contudo, à gruta e recebendo ali a Comunhão – mais por formalidade do que por fé –, ele percebeu um leve formigamento nas pernas até então insensíveis. Uma mudança se operou em seu coração, e lágrimas lhe correram dos olhos. Era, sem dúvida, Nossa Senhora que o convidava a crer no impossível! Horas mais tarde, ao ser mergulhado na piscina, aquele que outrora duvidava começou a rezar ardentemente. Uma paz interior inexprimível tomou conta de sua alma.

Em seguida, a maca de Gabriel Gargam foi conduzida até

o local por onde passaria a procissão do Santíssimo Sacramento. Contudo, o cansaço da viagem e as emoções do dia haviam consumido suas últimas forças: logo ele perdeu a consciência e os acompanhantes julgavam mesmo que estava prestes a expirar. De repente, porém, abriu os olhos e percebeu que a procissão se aproximava. Animado então por uma força irresistível, sussurrou: “Ajudai-me! Sinto que posso caminhar!” Levantou-se da maca e saiu andando atrás de Jesus-Hóstia! Estava curado, mas sobretudo tornara-se um católico fervoroso.

Em reconhecimento por tantos favores alcançados, Gargam ingressou na equipe do Hospital de Lourdes, onde trabalhou, sempre que lhe foi possível, por cinquenta e um anos.

### *A ressurreição de uma morta-viva*

Perseverar quando tudo parece perdido e confiar numa intervenção divina: eis o que a Virgem de Massa-



**Não houve um só peregrino curado em Lourdes que tenha voltado para casa com a alma menos favorecida do que o corpo**

Procissão do Santíssimo Sacramento em Lourdes, no ano de 1930. Na página anterior: fonte da gruta de Massabielle; em destaque, imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição que se encontra na gruta

bielle pediu da Sra. Savoye para curar sua filha. Clinicamente desacreditada, por padecer de reumatismo infeccioso e cardiopatia, a jovem, Marie Savoye, contava vinte e quatro anos de idade e pesava apenas vinte e cinco quilos! Havia seis anos que não tinha forças para se levantar da cama, para comer, nem sequer para falar.

Num desesperado intento de obter a cura, a Sra. Savoye decidiu, contra todas as opiniões médicas, empreender viagem rumo à Gruta de Lourdes para suplicar um milagre. Aos olhos dos homens, tratava-se de uma verdadeira loucura: o esforço dispendido no deslocamento certamente apressaria a morte da já enfraquecida Marie. Esperando contra toda esperança, aquela mãe partiu de Cambrai com a filha. Ao chegar a Lourdes, o estado de Marie era o pior possível: expelia sangue pela boca e tinha o aspecto de um cadáver, tão pálida estava.

Ao raiar a manhã do dia 20 de setembro de 1901, a Sra. Savoye e Marie estão na gruta, à espera de um milagre. Por ali passará a procissão do Santíssimo Sacramento. À medida que Jesus-Hóstia avança, ouvem-se aclamações de enfermos que conseguem levantar-se de suas macas. O cortejo prossegue, com passo lento e solene, detendo-se diante de cada doente. A Sra. Savoye reza com fervor redobrado, enquanto Marie, estendida no leito – quase diríamos de morte –, também eleva à Virgem sua oração. É a prece do leproso do Evangelho que se repete: “Senhor, se queres, podes limpar-me!” (Lc 5,12) E Ele quer! Ao receber a bênção, Marie salta para fora da cama e exclama: “Estou curada!”

Horas depois, Dr. Perisson, um dos médicos de Lourdes, diria: “Não é milagre. É uma ressurreição!”<sup>4</sup> Com o passar dos meses, Marie cresceu dez centímetros e ganhou trinta

e cinco quilos. Sete anos depois, em gratidão, ela resolveu dedicar sua vida ao cuidado dos doentes.

### “Por que Ele não me curaria?”

Fato análogo se deu com a jovem francesa Esther Brachman que, contando apenas quinze anos de idade, carregava consigo o triste prognóstico de uma morte iminente: havia sido acometida por uma peritonite tuberculosa que em dois anos levava seu corpo à destruição. Decidiu então ir a Lourdes para pedir um milagre, inspirada, quiçá, pelos numerosos fatos que atestavam a magnificência com que os doentes eram ali atendidos. “Por que não eu? Por que Ele não me curaria?”, perguntava-se a moça.

Uma vez mais, a Virgem Santíssima demonstraria a onipotência de sua intercessão ao receber em suas águas, como se fosse em seus braços, a pequena Esther. Ao emergir da piscina de Lourdes, o milagre que ela esperava se deu! Nada mais lhe doía, seu estômago, até então de dimensões descomunais, desinchou de imediato e suas forças se recuperaram, permitindo-lhe caminhar com normalidade. Estava completamente curada!

### Um singular favor junto à gruta

Outro fato também comovente, ocorrido aos pés da Virgem de Lour-

des, deu-se com um rapazinho de doze anos, chamado Martin Renaud.

Seus pais, cansados de tantos e tão profundos desentendimentos havidos em seu matrimônio, avisaram-no que iriam se divorciar. O menino, porém, tomou-se de angústia com essa notícia e decidiu apelar ao socorro de Nossa Senhora. Rogou, pois, aos pais que lhe concedessem ao menos um último passeio em família: queria visitar Lourdes.

Chegando à Gruta, Martin implorou com fervor à Virgem Maria que não permitisse que sua família se desfizesse. E qual não foi a sua surpresa quando, olhando para trás, viu seus pais chorando, de mãos dadas e inteiramente reconciliados. Sua família estava salva!

### “Lavabis me, et super nivem dealbabor!”

Através desses e de milhares de outros milagres, físicos e espirituais, operados pela Virgem Maria na Gruta de Lourdes, Nossa Senhora nos faz perceber o quanto seu amor pela humanidade é puro e inesgotável, e nos convida a uma reconsideração a respeito da vida e de nosso relacionamento com Deus.

Mostremo-nos, pois, dóceis à sua voz. No Antigo

Testamento, Davi suplicou ao Senhor: “*Asperges me hyssopo, et mundabor; lavabis me, et super nivem dealbabor* – Aspergi-me com o hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais branco do que a neve” (Sl 50, 9). Em nossos dias, cabe a nós rezarmos, parafraseando o rei-profeta: “Minha Mãe, que sois Imaculada e tudo podeis, lava-me e purifica-me, e mais branco do que a neve ficarei!” Seja qual for a nossa situação, Ela responderá no fundo de nossos corações: “Vem, meu filho! Eu te restauro!” ✧

<sup>1</sup> SÃO MAXIMILIANO MARIA KOLBE. Unpublished Writings. Immaculata. In: *The Writings of St. Maximilian Maria Kolbe*. Lugano: Nerbini Internacional, 2017, v.II (e-book). Sobre esse tema, ver também: Letter to the Seminarists of the Order of Friars Minor Conventual, 28/2/1933. In: *The Writings of St. Maximilian Maria Kolbe*. Lugano: Nerbini Internacional, 2017, v.I (e-book).

<sup>2</sup> SELETA MILAGRES DE LOURDES. Santa Maria: Biblioteca Católica, 2021, p.139.

<sup>3</sup> Cf. REBSOMEN, André. *Notre-Dame de Lourdes. Album du pèlerin*. 5.ed. Paris: Spes, 1925, p.95-111.

<sup>4</sup> SELETA MILAGRES DE LOURDES, op. cit., p.56.

**Em Lourdes, Nossa Senhora nos faz perceber o quanto seu amor pela humanidade é puro e inesgotável**

Vista da Basílica da Imaculada Conceição, em Lourdes



# Vitimação: um chamado para todos?

Se “o cristão é um outro Cristo”, todo católico deve estar disposto a unir seus sofrimentos aos do Redentor, a fim de imprecisar graças para a humanidade.



✠ Ir. Isabel Lays Gonçalves de Sousa, EP

Juan Carlos Villagómez

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos” (Jo 15, 13). Nesse sublime ensinamento, o Divino Mestre nos convida a imitar seu próprio exemplo, pois Ele veio à terra para dar a vida em resgate por muitos (cf. Mt 20, 28).

De fato, não obstante a multiplicidade dos efeitos da Redenção, o aspecto principal da missão de Nosso Senhor consistiu em ser Ele a Vítima de propiciação pelos nossos pecados, conforme diz o Apóstolo: “Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores” (I Tim 1, 15). Já o profetizara Isaías, ao afirmar: “Ele tomou sobre Si nossas enfermidades [...]. Fomos curados graças às suas chagas” (53, 4-5).

Ora, “*christianus alter Christus* – o cristão é um outro Cristo”. Todo católico é também essencialmente vítima, e deve estar disposto a unir seus sofrimentos aos do Salvador, a fim de imprecisar graças para o mundo.

## **Jesus Cristo é quem sofre em nós**

Ante tal realidade, muitos há que se perguntam se a excelentíssima Redenção operada pelo Cordeiro Divino

não comprou, definitivamente e para a criação inteira, todas as graças necessárias à humanidade, e se não houve, então, alguma falha nesse supremo sacrifício que precise ser suprida por nós.

Para responder a essa indagação, primeiramente convém recordar as palavras de São Paulo: “O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu Corpo que é a Igreja” (Col 1, 24). Todos nós, batizados, fomos formados da Carne de Jesus e dos seus ossos; a graça que O fez nossa Cabeça é a mesma que fez de nós os seus membros; sua vida é a nossa vida.<sup>1</sup> Nossos sofrimentos, portanto, são aceitos pelo Pai como vindos de seu próprio Filho. Desse modo, de nenhu-

ma forma precisamos suprir alguma “falha” do Sacrifício do Calvário, mas, *em virtude* desse supremo oferecimento que diviniza nossas almas e nossos atos, e por um libérrimo desígnio divino, nossos padecimentos tornam-se meritórios.

Por essa razão, é de grande benefício para a Igreja que nos unamos ao mistério da Redenção e suportemos nossas dores com ânimo, pois o Salvador, não podendo mais sofrer em sua humanidade glorificada, deseja padecer *em nós*, para continuar, assim, salvando as almas.<sup>2</sup>

Como isso se dá?

## **Graus de vitimação**

Afirma o Evangelho que na casa do Pai “há muitas moradas” (Jo 14, 2) pois, embora o Reino dos Céus seja o mesmo para todos os justos, existem diversos caminhos que a ele conduzem. De maneira análoga, mesmo que o chamado à vitimação seja comum a todos os batizados, ele possui graus e há diferentes modos de realizá-lo.

A via ordinária, à qual todos estão convocados, requer apenas que a alma cumpra com retidão seus deveres de batizado: “O cristão que observa somente, mas com exatidão, os

*Como batizados,  
nossas dores são  
aceitas pelo Pai como  
vindas de seu próprio  
Filho, que deseja sofrer  
em nós para continuar  
a obra da Redenção*

Mandamentos de Deus e da Igreja e vive, por isso mesmo, realmente unido a Nosso Senhor, vive da vida de vítima”.<sup>3</sup> Com efeito, grande coragem e paciência são necessárias para enfrentar as lutas inerentes a este vale de lágrimas, e semelhante esforço da alma sobe a Deus como sacrifício de agradável odor. A esse caminho de santidade somos convidados: “Eu vos exorto, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual” (Rm 12, 1).

### *A via especial dos consagrados*

Destacando-se do número geral dos fiéis, há certas almas que não se contentam com a simples prática dos Mandamentos e lançam-se generosamente em uma via mais árdua, desejosas de atingir uma maior identificação com o Divino Mestre. Trata-se dos sacerdotes e das pessoas consagradas a Deus que, por meio da prática dos conselhos evangélicos, possuem a missão de mais especialmente abraçar o estado de vítima: “Tender à união com a adorável Vítima é, sim, um dever essencial do cristão, mas tender à perfeição da união é dever essencial do religioso”.<sup>4</sup>

Esses se decidem, movidos por grande amor, a levar não somente um pedaço da Cruz de Nosso Senhor, mas carregá-la por inteiro, sem medir esforços, sem pensar na própria fadiga nem nos méritos que possam vir a adquirir. O único objetivo que os impele é consolar e aliviar o Coração de Deus.

A alma consagrada submete-se a uma “imolação sem reserva, sem esperança alguma de deixar, um dia, o altar do sacrifício”,<sup>5</sup> renuncia à sua vontade, seus critérios e seus sentimentos num verdadeiro martírio incruento, através do qual não consuma sua existência, mas com Cristo morre a cada dia (cf. I Cor 15, 31) para tam-



Santa Teresinha do Menino Jesus

*A alma consagrada  
submete-se a  
uma “imolação  
sem reserva, sem  
esperança alguma  
de deixar, um dia, o  
altar do sacrifício”*

bém com Ele ressuscitar para uma vida toda sobrenatural.

A simples vida cotidiana dessas almas atrai sobre a terra as mais profusas bênçãos celestes e obtém para os pecadores eficazes graças de arrependimento e conversão. Prova-o de forma maravilhosa o exemplo de Santa Teresinha do Menino Jesus, que com seus pequenos sacrifícios – carregados de altíssimas intenções – foi

colhida pelo Bom Deus como vítima de holocausto ao Amor misericordioso de Jesus.

Os consagrados são, pois, o coração da Igreja, incumbido de bombear o sangue vivificante da graça para todos os seus membros.

### *Chamado específico à expiação*

O terceiro e mais excelente grau de vitimação corresponde às almas particularmente eleitas, chamadas a exprimir diante do Pai “os sentimentos de Cristo Jesus”.<sup>6</sup> São as denominadas vítimas expiatórias.

Para essa via de perfeição existe uma ressalva: “Embora, rigorosamente falando, qualquer um possa se oferecer como vítima para dar alegria e glória a Deus com seus sacrifícios voluntários, na maioria dos casos Deus só atrai a esse caminho as almas a quem confia a missão de medianeiras: devem sofrer e expiar por outros a quem sua imolação

aproveitará, seja atraindo sobre eles graças de misericórdia, seja cobrindo-lhes os pecados aos olhos da justiça divina. Daí se infere que ninguém se poderia meter por si mesmo em tal missão. [...] Essas pessoas, escolhe-as Ele próprio e, por serem livres, pede-lhes sua aceitação voluntária. Dando-lha, elas se põem à sua mercê. E Ele então delas usa de modo soberano”.<sup>7</sup>

Entregando-se por inteiro à vontade de Deus, elas se tornam “cópias perfeitas do Crucificado. [...] A Paixão de Cristo, depois de as ter marcado com seu vinco, *passa por elas* para exercer em outras almas, pelas quais expiam, os frutos de salvação. São, pois, portadoras da graça do Calvário”.<sup>8</sup>

As almas-vítima sabem que mesmo seus atos de fé mais ardentes e suas melhores resoluções não têm consistência nem fortaleza, se não estiverem corroborados pelo sofrimento; abraçar a cruz lhes é uma exigência



da fidelidade a Deus, e nisso consiste sua razão de ser.

### **Crucifixos vivos**

O sacerdote jesuíta Monier-Vinard, na introdução à obra *Apelo ao amor*, sobre as revelações do Sagrado Coração de Jesus a Sórora Josefa Menéndez, descreve de forma belíssima a vocação de uma vítima expiatória:

“[Para atrair as almas afastadas da Fé], Cristo servir-Se-á de outras almas que transformará em canais de suas misericórdias. Ramos entre todos fecundos da vinha mística, carregados de seiva pelo estreito contato com a cepa divina, [...] nelas e por elas se faz o contato de graça: são as almas-vítima.

“Para bem preencher esse papel é preciso que estejam identificadas com Cristo crucificado, que seus corações batam plenamente em uníssono com o seu. Ele, para delas fazer suas imagens vivas, incrusta-lhes no mais profundo da alma, do coração e do corpo, sua dolorosa Paixão. Nessas almas, renovará Ele todos os seus mistérios; como Ele, serão contraditas, perseguidas, humilhadas, flageladas, crucificadas, e o que não fizerem os homens, o próprio Deus completará por meio de dores misteriosas, agonias, estigmas, que as tornarão crucifixos vivos. [...]”

“São corredentoras no sentido mais estrito da palavra: o amor do próximo as urge, sua missão é diferente das outras. [...] [Cristo] comunica-lhes seu ardente amor pelas almas, e desde então elas amam com o Coração d’Ele. Esse amor lhes dá uma força sobre-humana”.<sup>9</sup>

Aqueles que sentem em si o claro chamado à vitimação expiatória devem se preparar para um autêntico desponsório místico com o sofrimento, mas também alegrar-se com a certeza de poder consolar verdadeiramente a Deus, que neles verá a imagem de seu próprio amor incondicional.

### **Sofreremos como Jesus ou como os condenados?**

Eis o resumo das três vias de vitimação, uma das quais, pelo menos, haveremos de percorrer ao longo dos nossos dias nesta terra, enquanto batizados. Frágeis por natureza, temos verdadeiro horror ao sofrimento e, à vista dos sacrifícios que se nos apresentam, por pequenos que sejam, estremecemos. Ora, a dor é inevitável no estado de prova em que estamos e, diante dessa realidade, só existem dois caminhos a tomar: padeceremos em união com Nosso Senhor Jesus Cristo, exercendo nosso papel de vítimas – de acordo com nossa vocação

*O caminho da santidade consiste em padeceremos em união com Nosso Senhor Jesus Cristo, de acordo com nossa vocação pessoal*

Nosso Senhor carrega a Cruz -  
Igreja Colegiada do Divino Salvador,  
Sevilha (Espanha)

pessoal – e obtendo méritos para a vida eterna; ou sofreremos como os demônios e condenados, amargurados pela revolta e rumando para o inferno.

Contudo, de sermos incapazes de trilhar o caminho da santidade por nós mesmos, saibamos recorrer Àquela que, com um simples sorriso, pode nos dar forças para tudo, e Lhe digamos: “Ó Maria Santíssima, Rainha Dolorosa e minha Mãe, eu quero abraçar a cruz com toda a energia e com todo o goáudio de minha alma. No entanto, eu não me movo a isso... Dai-me a graça de que uma das lágrimas que Vós deramastes durante a Paixão tenha sido por mim. Assim, terei minha alma transformada de poltrão em verdadeiro herói do sacrifício!”<sup>10</sup> ✦



Gustavo Krahl

<sup>1</sup> Cf. GIRAUD, MS, Sylvain-Marie. *O espírito e a vida de sacrifício no estado religioso*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1951, p.17.

<sup>2</sup> Cf. LEHODEY, Vital. *Le saint abandon*. 7.ed. Paris: J. Gabalda, 1935, p.74.

<sup>3</sup> GIRAUD, op. cit., p.20.

<sup>4</sup> Idem, p.63.

<sup>5</sup> Idem, p.28.

<sup>6</sup> MONIER-VINARD, SJ, H. Introdução. In: CHARMOT, SJ, F. *Apelo ao amor. Mensagem do Coração de Jesus ao mundo e sua mensageira Sórora Josefa Menéndez*. 4.ed. Contagem: Littera Maciel, 1998, p.12.

<sup>7</sup> Idem, ibidem.

<sup>8</sup> Idem, p.15.

<sup>9</sup> Idem, ibidem.

<sup>10</sup> CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Meditação sobre a Última Ceia*. São Paulo, 1/3/1994.

# Convertido pela beleza da Igreja

O processo de conversão de um grande literato francês, sublime e espetacular ao mesmo tempo, demonstra a perenidade e a força das graças emanadas da Santa Igreja, capazes de atrair as almas à santidade.



✎ Plínio Corrêa de Oliveira

**A** literatura de nossos dias, acorrentada à sensualidade, está em franca crise de assuntos. Esta crise é, mesmo, o mais sério problema [com] que têm de lutar todos os literatos hodiernos.

O cinema, o romance, a novela, a poesia, tudo enfim está assolado por uma tremenda crise de temas.

Os enredos giram eternamente em torno de casos amorosos. Ora, os aspectos amorosos da vida, por mais que nos modernizemos, só podem dar lugar a quatro combinações: ou são duas pessoas casadas que abandonam seus respectivos lares para constituírem juntas um terceiro, sobre os escombros da felicidade de seus primeiros cônjuges; ou é uma pessoa casada que se apaixona por uma solteira, culminando a paixão numa ruptura dos laços conjugais; ou a ruptura não se dá, mas morre oportunamente o cônjuge embaraçoso, de sorte que o viúvo ou viúva pode, mal fechado o caixão do defunto, atirar-se nos braços [abertos do amante e serem felizes para sempre; ou] duas pessoas solteiras, que se tributam mutuamente um amor combatido barbaramente por um sogro implacável.

Estes casos comportam, evidentemente, algumas variantes. Ou o crime corta o nó górdio de uma vida supérflua, que ameaçava durar demais; ou o adultério brutal põe termo a uma situação incômoda; ou o cônjuge supérfluo se suicida discretamente,

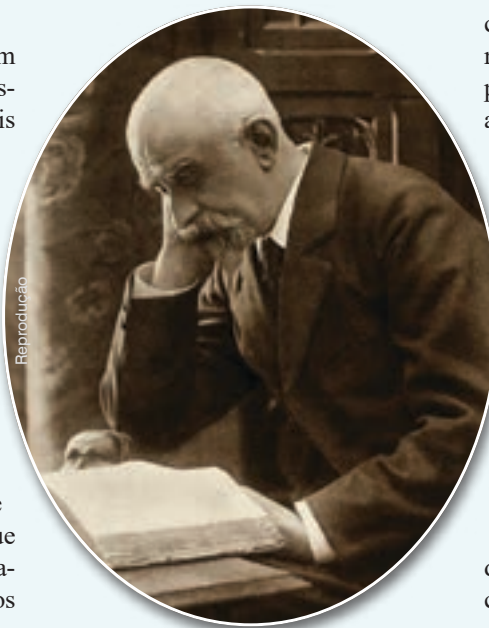
para deixar o lugar a seu sucessor mais feliz.

Evidentemente, porém, estas combinações também são limitadas, e se esgotam ao cabo de algum tempo. De tal sorte que, quem se entrega assiduamente à leitura de romances durante cinco anos, fica conhecedor de todo o estoque amoroso de nossas livrarias. E, com um pouco de argúcia, poderá ver, logo ao ler as primeiras páginas, qual o desfecho da história, desfecho este que depende das inclinações do autor, e dos sentimentos e posição que atribui aos personagens do romance.

Um autor que [consiga romper] este círculo vicioso, para ingressar em um campo novo, é evidentemente um Cristóvão Colombo do espírito, que abre para a inteligência continentes novos, mundos inexplorados.

É o que se dá com Huysmans, um dos mais estranhos e admiráveis escritores do século passado.<sup>1</sup>

Seu mérito foi o de ter sabido confeccionar as mais espantosas [tramas] literárias que se possam imaginar, abstraindo totalmente de complicações amorosas.



**Admirável escritor, a certa altura da vida Huysmans encontrou-se mergulhado numa tremenda crise existencial**

Joris-Karl Huysmans

## **Crise intelectual que o conduz ao misticismo acatólico**

J.-K. Huysmans, literato naturalista, residente em Paris, encontrou-se, a certa altura de sua vida, mergulhado em tremenda crise intelectual. Suficientemente lúcido para abominar seu século, mas destituído de qualquer amparo sentimental em alguma amizade sólida ou afeição de família profunda, Huysmans, ao mesmo tempo que se isolava cada vez mais do convívio de todos, fazia dentro de si um vácuo tremendo.

Tendo abandonado todos os seus amigos, destruído todas as suas antigas ilusões, perdido todos os seus parentes, vivia isolado em Paris, em um pequeno quarto, onde passava dias infundáveis, em companhia de um gato, a maldizer indefinidamente o século XIX.

Foi então que conheceu um pseudomédico, Des Hermies, fidalgo, *déclassé*,<sup>2</sup> que frequentava rodas de espíritas, de mágicos, astrólogos, etc., no *basfond*<sup>3</sup> canceroso que existe em Paris.

A princípio, seduziu-o no amigo o cunho original e misterioso de sua vida. Esta sedução se acentuava à medida que ia privando com as pessoas mais chegadas a Des Hermies, todas elas atacadas de um misticismo acatólico e doentio, que exalava os miasmas da mais absoluta putrefação espiritual.

Levado por suas inclinações de diletante, Huysmans não recuou à vista de tal ambiente.

## **Salutar reação ante os horrores de uma Missa negra**

Sobreveio-lhe, nessa ocasião, em condições misteriosas, um convite para que assistisse a uma Missa negra, celebrada em honra do demônio por um sacerdote privado de ordens sacras.

Excitada fortemente sua curiosidade, aceita o convite e é conduzido a um lugar estranho, em que se amontoam mulheres e homens carregados com o



Nuno Moura

**Vendo o ódio dos maus contra a Hóstia Consagrada, ele discerniu a veracidade da Igreja Católica e passou por uma penosa conversão**

Ostensório contendo o Santíssimo Sacramento

peso de todos os vícios e de todas as baixezas. Sobre o altar, um Cristo rindo num *ricтус* ignóbil, ultrajante. Toca uma sineta, entra o sacerdote. Começa a Missa, entre contorções dos presentes. Quando chega o momento da Consagração, o sacerdote pronuncia as palavras sacramentais, banhado em suor, a voz repassada de ódio, o olhar carregado de estranhos eflúvios diabólicos. Distribui a Sagrada Eucaristia aos presentes, que a profanam abominavelmente. Gargalhadas satânicas, blasfêmias tremendas, insultos implacáveis, nada se poupa ao Corpo adorável de Nosso Senhor.

Manifestações evidentemente diabólicas irrompem por todos os lados. É o triunfo de Satanás, glorificado pelos assistentes num delírio de abjeção e de infâmia.

Enojado, ferido nos poucos sentimentos que ainda lhe restavam, Huysmans se esgueira pela porta e foge espavorido.

Desde então uma grande preocupação assaltou sua inteligência, e acabou trazendo-o submisso aos pés da Igreja. Vira o demônio, vira o espírito das trevas, urdindo contra a Sagrada Eucaristia as mais tremendas infâmias.

Ora, refletia ele, se o demônio, de cuja existência já não posso duvidar,

odeia a Hóstia consagrada pelos sacerdotes católicos, é porque realmente ela é o Corpo de Cristo. Logo, a Igreja Católica é verdadeira.

Daí uma conversão dolorosa, penosa, que se vai arrastando através de inúmeras lutas, de combates sem fim, travados contra a carne rebelde às injunções da vontade, e o espírito rebelde às exigências da Fé.

## **Êxtase diante das belezas da Liturgia e dos templos católicos**

Quando entra em uma igreja, extasia-se diante das belezas da Liturgia católica. Sua alma se eleva até os pés de Deus ao som do órgão, ao desenrolar grave e compassado da música sacra. Poucas almas, como a sua, sentiram as belezas do cantochão. [...]

Frequentando assiduamente as igrejas de Paris, a todas surpreende nas suas horas de mais intensa sentimentalidade.

Ora é Notre-Dame de Paris, retendo nas suas ogivas seculares uns restos de claridade coada através dos vitrais, enquanto some no céu, lentamente, tristemente, um sol crepuscular. Ora é uma igreja operária, na qual observa detidamente as mulheres paupérrimas, os mendigos, os operários exaustos, os miseráveis dos arrabaldes de Paris, que vêm dirigir a Deus, depois de um



Jorge Láscaar (CC by 2.0)

## Huysmans extasiou-se com a beleza das catedrais e com os esplendores da Liturgia católica, que procurou registrar em seus escritos

Interior da Catedral de Notre-Dame de Paris

dia de intenso trabalho, preces infindáveis, enquanto, de dentro do tabernáculo, o Senhor invisível os consola, repetindo mudamente o Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os que choram, os que sofrem, os que têm sede de justiça...”

No entanto, Huysmans ainda não ousou aproximar-se dos Sacramentos. Recai no pecado com tal facilidade, que nem se atreve a aproximar-se do tremendo tribunal da Penitência. [...]

### **Lampejos de sobrenaturalidade na vida da Igreja**

Aproximado, pelos acontecimentos, de um sacerdote francês inteligente e virtuoso, Huysmans começa a frequentar as cerimônias religiosas católicas, que despertaram nele impressões indelévels que nos legou em páginas magistrais.

Suas descrições da tristeza tenebrosa do *De profundis*, das imprecisões ardentes do *Miserere*, da alegria exultante do *Magnificat*, são páginas literárias que glorificam o idioma em que foram escritas.

Aliás, constitui a obra de Huysmans uma aplicação interessantíssima do naturalismo a assuntos religiosos, aspecto este que a enche de originalidade.

Sob o ponto de vista estritamente religioso, interessava principalmen-

te o gênero novo de apologética que Huysmans tentou instituir.

Não o preocupam os argumentos filosóficos, as contendas científicas, em que os silogismos se digladiam pró ou contra a Fé. Já dissera o poeta francês que, *à force de raisonner, on perd la raison*.<sup>4</sup>

Faz da Igreja uma descrição material objetiva, através da qual procura fazer ressaltar, com inimitável habilidade, os lampejos de sobrenaturalidade que se desprendem da Liturgia magnífica, enriquecida por um simbolismo comovedor, do cantochoão estupendo, nas suas imprecisões veementes, no tumultuar de suas contrições, na explosão de seus surtos de confiança na Providência Divina, no lacrimar harmonioso de seus ofícios de defuntos.

Impressionam-no sobremaneira as Ordens Religiosas, nas quais vê, com razão, a cristalização do espírito evangélico.

Fascinam-no as penitências das carmelitas, as austeridades implacáveis das beneditinas e das sacramentinas, os rigores das regras monásticas em geral.

Entre todas, porém, uma Ordem chama sua atenção, pela estupenda beleza de seus princípios constitutivos: a dos trapistas.

Resolve-se, então, impulsionado pelos conselhos de seu amigo sacerdote, a fazer em uma Trapa longínqua um retiro de alguns dias.

Entra-se então na parte mais interessante do livro.

### **Beleza moral das Ordens contemplativas**

Cumprido dizer que, à maneira dos antigos cristãos, que proibiam aos pagãos a assistência aos mistérios sagrados, sentimos o desejo de vedar a leitura do que se segue a espíritos incrédulos, que terão provavelmente, para a incomparável beleza moral da vida trapista, o riso estulto ou o trocadilho alvar com que um hotentote comenta a complicação – para ele inútil – de um mecanismo moderno, cujo funcionamento está acima de sua compreensão.

Segundo o dogma da Comunhão dos Santos, cuja aceitação é imposta pela Igreja a todos os fiéis, os sofrimentos de uma alma podem ser aplicados em expiação dos pecados de outra. Satisfeita, assim, a justiça divina, pode a misericórdia incitar o pecador à conversão.

[Daí] a importância das Ordens Religiosas que, na contemplação de Deus e na penitência incessante, encerram (deveríamos dizer *sepultam*)

criaturas, durante toda uma vida, em conventos humílimos, para expiar assim as ignomínias do mundo pecador, [e que] participam, portanto, de toda a elevação moral do Santo Sacrifício do Calvário.

É certo que os sibaritas, tão frequentes no século XX, inquietados em seus gozos pela visão de tanta abnegação e de tanto sofrimento, pretenderão qualificar de selvageria desumana tal procedimento.

É certo que a algumas pessoas, para as quais o ouro é o único ideal da vida, e que consideram o homem exclusivamente segundo o que produz, o trapista é um inútil, pois que sua atividade “não rende”.

Suas apreciações profanam tais assuntos. Melhor seria que se calassem sobre assuntos alheios à sua compreensão!

### **Prova de que a Igreja não perdeu a seiva que alimentava os mártires**

Foram tais as considerações que ocuparam Huysmans em sua viagem de Paris à Trapa.

Sua impressão, quando se habituou à vida do convento, foi a de um verdadeiro deslumbramento.

Monges plácidos e austeros, invariavelmente vestidos de branco, se dedicavam, dentro de uma reclusão perpétua, a trabalhos manuais, e especialmente à oração e à penitência, que lhes consumiam a vida. Como cama, uma prancha de madeira. A alimentação, de um rigor extremo, era exatamente o necessário para impedir que os monges adoecessem gravemente, vitimados pela fome. Por toda a parte, o silêncio. Só uma voz falava: a da contrição e da reparação, expressas através de todas as atitudes e de todas as ações.

As Trapas constituem a mais magistral resposta aos que afirmam que a Igreja perdeu a seiva que alimentava os mártires dos primeiros séculos do Cristianismo. Se é certo que é necessário um heroísmo sobre-humano para que se possa alguém sujeitar aos tormentos do Coliseu, também é certo que a agonia de uma vida inteira, escoada lentamente entre os cilícios e as mortificações, constitui tormento que



### **A vida austera e recolhida dos monges trapenses o tocou profundamente e o ajudou a se reconciliar com Deus**

“Claustro da Cartuxa”, por François Marius Granet - Museu de Arte e História da Provença, Grasse (França)

a todos excede, pelo rigor e pela provação que impõem à perseverança.

### **Reintegração no Catolicismo**

Certa noite, Huysmans, inquieto, não conseguia dormir. Levantou-se então e dirigiu-se à capela, que supunha deserta. Quando entrou, divisou vagamente, através da penumbra que coava pela claraboia de uma cúpula, os vultos brancos dos trapistas, que

furtavam às suas poucas horas de sono o tempo necessário para alimentar seu espírito na oração.

Alguns, curvados pela humildade, se prostravam no chão. Outros, como chamas de velas que se dirigem ao alto, erguiam o busto numa atitude de imprecação ardente, de súplica veemente, que só a pena de Huysmans consegue descrever. Outros, enfim, abatidos pela enormidade dos pecados do mundo, que deveriam expiar, numa atitude de profunda contrição gemiam um *Miserere*.

Lentamente, a manhã penetra através da claraboia. As formas brancas precisam seu contorno, ainda banhadas na claridade suave da aurora. Raia enfim o sol. Todos os trapistas se dirigem para os bancos. Toca o sino e irrompe radioso o *Salve Regina*.

A observação de tais cenas atuou profundamente no ânimo de Huysmans, que, enfim, resolvido a confessar seus pecados, se prostra aos pés de um trapista, a quem, em profunda contrição, confia todos os seus delitos contra Deus e contra os homens. No dia imediato, comunga. Feita assim sua integração no Catolicismo, retira-se da Trapa com recordações imorredouras. ✧

Extraído de: *O Legionário*. São Paulo. Ano VI. N.93 (31 jan., 1932), p.1; N.94 (21 fev., 1932), p.2

<sup>1</sup> Tendo sido escrito este artigo em 1932, Dr. Plínio refere-se ao século XIX.

<sup>2</sup> Do francês: desclassificado.

<sup>3</sup> Do francês: escória, submundo da sociedade.

<sup>4</sup> Do francês: À força de raciocinar, perde-se a razão.

BEATO MIGUEL RUA

# A vitória de Dom Bosco

Muito mais do que um discípulo, um amigo, um filho ou um sucessor, Deus deu para São João Bosco um outro ele mesmo para expandir sua obra.



✦ Ir. Mariana de Oliveira, EP

A continuação e a perpetuidade de uma Ordem Religiosa dependem, em grande parte, da ação e fidelidade de seus membros em relação à pessoa escolhida pelo Espírito Santo para estabelecer um novo carisma na Igreja. Para isso, ao longo da história das fundações, Deus não deixou de suscitar homens que fossem reflexos exímios de seus mestres e que prolongassem a atuação deles.

À maneira da torre de uma igreja numa grande cidade, abandonada em meio a gigantescos arranha-céus e pavorosa cacofonia, mas que anuncia sua presença aos homens pelas sonoras badaladas do sino que abriga, assim o fundador vê projetada e perpetuada, por meio de seus discípulos, a missão providencial a que foi chamado. E uma bela comprovação dessa realidade contemplamos na vida do Beato Miguel Rua: ele foi como que o sino que fez ressoar ao longe o espírito e a mentalidade de São João Bosco, fundador da Congregação Salesiana.

Com efeito, um frade capuchinho que o conheceu assim se exprimiu certa vez: “Vi um milagre: Dom Bosco ressuscitado! Dom Rua não é só o sucessor de Dom Bosco, é outro ele

mesmo. A mesma doçura, a mesma humildade, a mesma simplicidade, a mesma grandeza de ânimo, a mesma alegria que irradia a seu redor. Tudo é milagre na vida e nas obras de Dom Bosco. Contudo, esta perpetuidade dele mesmo em Dom Rua me parece o maior de todos os milagres.”<sup>1</sup>

## Os primeiros anos

Turim foi o berço de Miguel Rua. Nascido em 9 de junho de 1837, último fruto das segundas núpcias de João Batista Rua com Joana Maria Ferrero, era o benjamim de uma família de fervorosos católicos, como o atesta seu Batismo, ocorrido somente quarenta e oito horas após seu nascimento.

*Após a morte de seu progenitor, o pequeno Miguel Rua conheceu um outro João, que seria para ele um verdadeiro pai*

João Batista era um homem trabalhador, honrado e muito inteligente, motivo pelo qual exercia um bom ofício na Real Fábrica de Armas, em Borgo Dora, pequeno distrito da capital piemontesa. Dentro da própria manufatura, ele conseguiu uma vivenda para sua família. Foi nesse cenário que o pequeno Miguel cresceu e estudou, tendo por professor e catequista um capelão e por companheiros os filhos dos demais operários.

Aos oito anos, o menino já estava pronto para a Primeira Comunhão. Entretanto, uma nuvem veio toldar o céu azul daquela família: em 2 de agosto de 1845, faleceu o exímio pai e fiel esposo. Curiosamente – ou providencialmente! – um mês após a morte de seu progenitor, o jovem órfão conheceu um outro João...

## Encontro marcante

O Oratório fundado pelo Pe. João Bosco, dedicado à educação e formação religiosa das crianças pobres, já se tornara conhecido na populosa Turim de então.

Certo dia, Ramón Batista, um companheiro de Miguel na escolinha da Real Fábrica de Armas, levava uma bela gravata que comprara

numa festa do Oratório. O fato foi pretexto para um entusiasmado relato a respeito de Dom Bosco, daquele abençoado lugar, dos jogos, dos meninos... E Miguel não hesitou em acompanhar seu amigo no próximo domingo.

Ao chegar, o Santo se aproximou para cumprimentá-lo. Miguel recebeu carinhosas palavras e, logo, o convite para frequentar o Oratório. O célebre sacerdote era muito estimado e, por mais jovial que fosse seu caráter, nada fazia sem profundo significado. Isso todos sabiam!

Numa ocasião no ano de 1847, o pequeno Miguel, contando apenas dez anos, aproximou-se dele para receber as medalhinhas e estampas que costumava distribuir aos meninos. Dom Bosco, sem pressa em entregá-la, dissimulou não entender o pedido e se limitou a sorrir e brincar, colocando sobre a cabeça do jovem o seu barrete.

Miguel, porém, insistiu:

— Uma estampinha! Uma estampinha, por favor!

Nesse momento, Dom Bosco estendeu uma estampa sobre a palma de sua mão esquerda e com a direita marcou a metade da figura, como se a estivesse cortando, e disse sorrindo:

— Pegue, Miguelzinho, pegue! Nós dois iremos “às meias”!

A cena se repetiu várias vezes, e o jovem Rua se retirava cogitando sobre o que queriam dizer tal gesto e tais palavras...

### **Primeiro alicerce da fundação salesiana**

Desde esses primeiros encontros, São João Bosco discerniu misteriosamente que o pequeno Miguel estava destinado a ser seu principal auxiliar na congregação que viria a fundar. Se iniciava um relacionamento que duraria para sempre.

Tão logo foi possível, Dom Rua tornou-se o secretário de Dom Bosco, fato que lhe permitiu acompanhar de perto a laboriosa vida de seu pai

*Desde cedo o jovem Miguel conquistou o coração de Dom Bosco, tornando-se uma prolongação viva de seu espírito*

espiritual. Seu encanto e admiração levavam-no a tomar nota, qual amanuense, de todo feito e palavra dele, de modo que nada escapasse.

Graças a essas anotações pôde-se tomar conhecimento de como o grande Santo de Turim, à maneira do Divino Redentor, preocupou-se em delinear a regra salesiana primeiro nas almas e, só depois, no simples papel.

Assim escreveu Miguel Rua em janeiro de 1854, quando ainda era um adolescente: “Reunimo-nos no quarto de Dom Bosco, Rocchietti, Artiglia, Cagliero e eu. Ele nos propôs fazer uma prova de exercício prático da caridade com o próximo. À continuação faremos uma promessa nesse sentido e, depois, um voto. Os que façam esta prova e os que a farão mais tarde, receberão o nome de *salesianos*”.<sup>2</sup>

Desse modo se iniciou a Congregação Salesiana, e Dom Rua parece ter aberto o caminho aos que passariam no “concurso”. Em 25 de março de 1855, por convite de Dom Bosco, ele fez sozinho os votos de obediência, castidade e pobreza. Oficialmente, a sociedade salesiana acolhia seu primeiro rebento! Sobre aquele rapaz de dezoito anos, o fundador lançava os fundamentos de sua obra.

### **Cumpra-se à risca o “iremos às meias”**

Se fosse possível elencar o prodigioso labor de Dom Rua junto a Dom Bosco, páginas sobre páginas se gastariam.

Desde jovem frequentador do Oratório, Miguel recebeu a incumbência, por iniciativa de São João Bosco, de cuidar dos outros meninos. Conforme foi crescendo e se formando, tais responsabilidades não fizeram senão aumentar. Ele se tornava cada dia mais a *longa manus* de seu pai espiritual.

Quando se tratava de reavivar o espírito salesiano em alguma parte, Dom Bosco enviava Dom Rua. Quando era necessário empreender viagem para benefício do instituto, fundar uma nova casa, dar empuxe ou reorganizar as já existentes, também cabia a ele a tarefa. Aos poucos o Santo foi outorgando a seu filho predileto encargos que exclusivamente lhe cabiam como fundador, a fim de mostrar a todos com quem desejava deixar seu bastão de comando.

Dom Rua, por sua vez, dotado de portentosa energia de alma e, sobretudo, de ardente amor ao mestre que Deus lhe havia dado, arcava com tudo numa ilimitada disposição. Desde a primeira



missão – a fundação de uma casa salesiana em Mirabello Monferrato, também na região do Piemonte – revelou o segredo que sempre coroaria de êxito todos os seus empreendimentos: “Em Mirabello tratarei de ser Dom Bosco”.<sup>3</sup> E assim o foi!

### **Dom Rua na consideração de Dom Bosco**

“Se o Senhor me dissesse que iria morrer logo e que escolhesse um sucessor, pedindo em seu favor todas as qualidades e virtudes que eu quisesse, asseguro-te que não saberia o que pedir a Deus, porque tudo isso vejo que já tem Dom Rua”.<sup>4</sup> Com essas palavras se exprimiu o carismático fundador dos salesianos, quando seu discípulo contava somente trinta anos. Ele se orgulhava daquele filho. Dom Francesca – coetâneo de ambos no Oratório – escreveu que o jovem conquistou o coração de Dom Bosco desde cedo.

É portentoso que um fundador possa fazer tais afirmações de um membro de sua família espiritual. Deus galardou o grande Dom Bosco dando-lhe não só um filho, um seguidor, um discípulo, um amigo, mas como que um “outro ele mesmo”.

### **Personalidade do Beato Miguel Rua**

Bem acertada é a afirmação de São Paulo, “uma estrela difere da outra” (I Cor 15, 41). Por mais que Dom Rua fosse aclamado por seus contemporâneos como um outro Dom Bosco, algumas de suas características pessoais eram distintas das de seu mestre. Nesse sentido, sua missão consistiu também em completá-lo. Com efeito, a distinção entre ambos não os separou, mas os uniu, com vistas à realização do desígnio de Deus em relação a eles e à obra salesiana.

Unânime é o reconhecimento acerca das qualidades de Miguel Rua: homem de nobre caráter, de retidão de consciência, de agudíssima inteligência e prodigiosa memória, de talento



São João Bosco e o Beato Miguel Rua em 3 de maio de 1886

*Possuía Dom Rua características pessoais distintas das de seu mestre. Nesse sentido, sua missão consistiu também em completá-lo*

organizador, mas, sobretudo, de alma humilde e transbordante de fé.

Seu semblante era sorridente, sua presença discreta, seu ânimo perpetuamente sereno. Seu coração, no entanto, era ardente e seus horizontes muito largos! A capacidade que tinha de dominar e levar a bom termo uma série de empreendimentos ao mesmo tempo, dava-lhe saliente nota de determinação.

Também era manifesto seu bom humor, inclusive nas horas mais difíceis. Em 2 de abril de 1910, por exemplo, estando a quatro dias da morte – e, portanto, em grave esta-

do e provavelmente sofrendo atrozes dores –, Dom Rua perguntou aos que o assistiam:

— Quando eu morrer, onde me colocareis?

Confundidos pela incômoda indagação, o diretor espiritual da congregação, Dom Pablo Álbera, respondeu:

— Nós não pensamos nisso. Estamos pedindo por vossa cura e para que continueis fazendo todo o bem que fazeis.

Dom Rua insistiu, mas, compreendendo o embaraço que causava ao seu interlocutor, explicou gracejando:

— Fiz essa pergunta para saber, quando chegue o Juízo Universal, onde devo ir recolher as minhas pobres cinzas. Pode ser que eu me dirija a um lugar onde não as encontre, e comece a dar voltas de um lado para o outro...

Assim era Dom Rua: tão diferente e, ao mesmo tempo, tão outro João Bosco!

### **Um vínculo que até a morte respeitou**

Estamos em 1868. A célebre Congregação Salesiana se expande, os trabalhos só aumentam e a afluência de membros do instituto por ocasião da inauguração da Igreja de Maria Auxiliadora é imensa. Dom Rua não se encontra bem de saúde. Fazendo pouco caso da doença, cumpre normalmente suas obrigações, sempre repetindo a frase que se tornou famosa em seus lábios: “Tudo para o Senhor! Seja feita sua santa vontade!”<sup>5</sup> Um dia, no entanto, a enfermidade dá indícios de ganhar o duelo: ele parece prestes morrer, e seu pai espiritual está ausente.

Ao saber da grave situação daquele filho tão dileto, Dom Bosco afirma quase em tom jocoso: “Dom Rua, não parte sem minha permissão”.<sup>6</sup> E vai tranquilamente jantar. Após isso, dirige-se ao leito do enfermo, que pede com voz fraca:



— Dom Bosco, dai-me sem demora a vossa bênção e os Santos Óleos, porque chegou meu último momento.

— Tranquiliza-te! Pensas ir sem minha autorização? Muitas coisas te restam ainda a fazer.

Como insiste o enfermo, repete:

— Acalma-te, meu filho, pois bem sabes que Dom Rua nada fará sem o consentimento de Dom Bosco.

Contra toda humana esperança, a doença desapareceu. Aos poucos, o vigor físico voltou ao discípulo, que logo pôde retomar sua operosa rotina por mais quarenta e um anos.

Dom Rua faleceu em 6 de abril de 1910, com setenta e dois anos. Após assumir a direção da Congregação Salesiana em 1888, ele viu seus membros aumentarem de pouco mais de setecentos para quatro mil, espalhados em trinta e três países.

### *A virtude mais saliente em Miguel Rua*

Ao finalizar essas considerações, o desejo de determinar a virtude primordial praticada pelo Beato Miguel Rua, capaz de resumir seus dias nesta terra, é inevitável. Sua própria vida, porém, sana esta interrogação: a admiração por São João Bosco!

Essa virtude foi seu fluxo vital: com as asas da admiração, ele voou no imenso céu da alma de seu pai e funda-

dor; por meio dela, o amou e entendeu; sob o seu impulso, incansavelmente trabalhou pela salvação dos jovens; porque a possuía, conservou-se sereno nas provas, determinado nas lutas e constante nas vitórias; através dela, enfim, chegou a ser um complemento e um sustento para seu mestre.

Não sem razão, um biógrafo comenta sobre Miguel Rua e seu fundamental apoio a Dom Bosco: “Presente desde o início da obra salesiana, Dom Rua captou sua intrínseca virtualidade expansiva e desenvolveu-a com coerência e criatividade. As intuições do carismático fundador se converteram, em Dom Rua, em instituição. Dom Bosco ‘sonhou’ à larga, e Dom Rua o realizou. Dom Bosco ‘revelou’, e Dom Rua deu as indicações práticas. [...] Dom Bosco ‘inventou’ seu Ora-

*A admiração de Dom Rua pelo fundador foi o sino que tornou possível a torre salesiana mover a sociedade de seu tempo*

tório, e Dom Rua o enriqueceu com novas modalidades. Dom Bosco mostrou aos salesianos obras precisas em favor dos jovens, e Dom Rua os levou por caminhos novos”.<sup>7</sup>

Efetivamente, a admiração de Dom Rua foi o sino que tornou possível a torre salesiana mover a sociedade de seu tempo. Sem receio pode-se acreditar que Dom Bosco venceu, porque teve um Miguel Rua! ✧

<sup>1</sup> ARAGÓN RAMÍREZ, SDB, Miguel. *Beato Miguel Rua. El salesiano número uno*. Madrid: CCS, 2012, p.20.

<sup>2</sup> Idem, p.58.

<sup>3</sup> Idem, p.83.

<sup>4</sup> Idem, p.222.

<sup>5</sup> Idem, p.229.

<sup>6</sup> FRANCESIA, SDB, Juan Bautista. *Memorias biográficas de Don Miguel Rua, primer sucesor de Don Bosco*. Buenos Aires: Colegio Pío IX de Artes y Oficios, 1912, p.95.

<sup>7</sup> ARAGÓN RAMÍREZ, op. cit., p.21.

Entardecer em Prato (Itália)

# A grandeza do fracasso

Será possível que o fracasso seja um modo escolhido pelo Criador para restaurar a grandeza original da humanidade?



✎ **Fabricio Avila Paniagua**

**S**éculo XXI. Época em que a existência do homem se tornou em tudo mais fácil pelos avassaladores progressos da ciência, e quase todas as suas necessidades são atendidas de maneira simples e rápida. Contudo, há uma fatalidade que a tecnologia, por mais avançada que esteja, não consegue evitar: o fracasso! É impossível encontrar um homem que não tenha fracassado alguma vez na vida.

Entretanto, a palavra pode causar medo, e até pânico... Num mundo esquecido de Deus, é duro compreender que a desgraça, o sofrimento e as provas possam ser um meio de Ele manifestar seu amor por nós.

Mas por que escolheu o Criador esse instrumento? Que benefício pode o homem lograr com as contrariedades? É possível, realmente, haver grandeza em algo tão repulsivo para nossa natureza, como o fracasso?

## ***A grandeza originária do primeiro homem***

Para elucidarmos essa questão, remontemos ao início da humanidade. Deus havia criado o homem para reinar (cf. Gn 1, 26). Ele o entronizou no Éden (cf. Gn 2, 8) a fim de governar todos os seres, os quais estavam sujeitos às suas ordens. Ora, podemos conjecturar que Adão percebia essa harmonia imperial dentro de si e contemplava na

natureza o reflexo da generosa magnificência do Onipotente. Tal sensação interna produzia em seu espírito um deleite lícito da grandeza que Deus nele pusera. Sentia-se como o monarca *minor* da ordem da criação e se consolava em ser uma irradiação deste atributo divino.

De onde vinha a grandeza de Adão? Da união que possuía com Deus, por-

que fora criado à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26). Por isso, a magnificência tinha uma relação muito íntima com sua vocação, pois ele representava, de maneira especial, a grandeza do Altíssimo no universo material.

## ***Imaginando um processo de decadência***

Ao contemplar a predileção que o Senhor depositara no primeiro homem, e ver como este terminou por ofendê-Lo, é difícil não admitir que tenha havido um processo anterior que predisps Adão ao pecado. Conviver intimamente com Deus todos os dias e cair, de repente, numa falta gravíssima, não parece cabível. Como ocorreu essa decadência?

A Escritura é bastante sucinta na descrição do pecado original, e não fornece indícios de como o primeiro homem teria começado seu declínio. Encontramo-nos, portanto, livres para levantar hipóteses, com base nos diversos processos de decadência espiritual catalogados ao longo da História. Poderíamos conjecturar, por exemplo, que Adão passava por uma noite escura do espírito.<sup>1</sup>

Adotada essa hipótese, deveríamos imaginar que o pai de toda a humanidade vagava pelo Paraíso, rezando e pedindo a Deus que Se manifestasse. Entretanto, quanto



**Em meio à noite escura do espírito, Adão esqueceu-se do convívio com Deus e, sentindo-se abandonado, passou a levar uma rotina independente do Criador**

A criação de Adão -  
Museu da Catedral de Milão (Itália)

mais ele suplicava, tanto menos parecia ser ouvido, porque o Criador já não descia no entardecer paradisíaco para conversar (cf. Gn 3, 8), não lhe falava mais ao coração nem mesmo por inspirações sensíveis da graça. Nada havia que consolasse sua alma. Adão estava completamente desfeito, desorientado no meio de sua aflição e sem saber a quem recorrer. Deus o “abandonara”!

Não tendo mais o conforto do convívio sensível com seu Senhor, o homem se punha a haurir a “fragrância” da presença que Ele deixara na natureza. A criação era como que um álbum de fotografias que lhe fazia recordar-se de Deus e das inúmeras graças que havia recebido no relacionamento com Ele. Desse modo procurava, em certo sentido, superar a tremenda sensação de isolamento pela qual passava.

### **Como o demônio teria se aproveitado disso**

O demônio – como excelente psicólogo – diagnosticou o estado no qual o primeiro varão se encontrava e, sem dúvida, procurou tirar dali algum proveito.

Ele trabalhou os seus sentidos externos e internos com a intenção de aguçar sua sensibilidade em relação às maravilhas da ordem da criação. A princípio, deve ter deslumbrado Adão ressaltando os aspectos naturais das belezas do Paraíso, relegando Deus Criador a uma atenção secundária, para depois, com o passar do tempo, fazer com que ele O pusesse à margem de suas considerações. Foi o que provavelmente aconteceu... Nosso primeiro pai já não admirava no mundo os reflexos divinos, mas deleitava-se com os esplendores de cada criatura em si mesmos, como se essas qualidades refletissem a ele, homem, e não a Deus.

O terreno estava pronto para que o demônio o fizesse dar mais um passo em direção ao fruto proibido.<sup>2</sup>



**O fruto proibido era a “consolação” que o demônio oferecia à sua provação e a resposta aos seus anseios: “Sereis como deuses!”**

Adão e Eva comem o fruto proibido -  
Catedral de São Miguel e Santa Gúdula, Bruxelas

### **A autossuficiência leva à mediocridade**

Adão começou a viver uma rotina independente de Deus, de “ateísmo prático”, poderíamos dizer. Ele acreditava em Deus e até lhe dirigia preces, mas não O tinha presente em seus afazeres durante o dia, não recordava as graças recebidas, alimentava cada vez mais a confiança em si, que lhe dava a sensação de autodomínio, de fortaleza e de superioridade.<sup>3</sup> Enfim, ele havia encontrado uma posição mediana entre a rejeição a Deus e a grandiosa vocação que possuía. Numa palavra, havia caído na mediocridade.<sup>4</sup>

O demônio só apresentou o fruto proibido a Adão quando percebeu que ele havia se habituado a um estado de predisposição para o pecado, ou seja, de confiança em si mesmo, falta de vigilância e visão naturalista.

A tentação foi “talhada” à medida de Adão, e o fruto proibido era a “consolação” que o demônio oferecia à sua provação e a resposta aos seus anseios: “Sereis como deuses!” (Gn 3, 5). Ou

seja, tratava-se da consumação de uma vida em que Adão não mais precisaria de Deus. Bastando-se a si mesmo, ele se tornaria o modelo e o senhor da criação. E a conclusão da história é conhecida...

### **Qual foi a falta de Adão?**

No que consistiu, então, o pecado de Adão?

Seria ridículo crer que, pelo simples fato de ele comer uma fruta, toda a humanidade tenha visto para si fechadas as portas do Céu. É claro que há por detrás um pecado mais profundo. O ato material, representado pela ingestão do alimento proibido, foi uma mera consequência dessa disposição anterior.<sup>5</sup>

Não há dúvida de que, se “o princípio de todo pecado é o orgulho” (Eclo 10, 15), foi este, em última análise, a causa da falta de nosso primeiro pai. Esta é, aliás, opinião corrente entre os Padres da Igreja.<sup>6</sup> Entretanto, há outro aspecto a ser ressaltado neste capítulo da origem da humanidade.



Quando Adão consentiu na execrável ofensa a seu Pai, completou o processo de esquecimento do Criador pelo qual já estava passando: ele explicitamente recusou ser filho e escravo, para ser senhor; recusou ser assumido pela grandeza de Deus, para exibir sua falsa grandeza; recusou a Luz incriada, para manifestar o brilho pessoal. Ele desejou igualar-se ao Altíssimo, apropriando-se dos dons recebidos, para viver da magnificência que julgava possuir. Portanto, formalizou sua pretensa independência de Deus para seguir suas próprias vias.<sup>7</sup> Ora, vimos no início deste artigo que a grandeza de Adão lhe vinha do fato de ser propriamente um vigário do Criador no universo. Logo, recusando esta união com o Senhor, seu pecado atentou diretamente contra a grandeza.

### ***A grandeza a que todos somos chamados***

Seria possível dividir a humanidade com base neste critério: os que reconhecem o seu nada e deixam-se assumir inteiramente pela Grandeza incriada que é Deus; e os que a rejeitam, para realizar sua própria grandeza.

Todos os homens são chamados a serem grandes, conforme suas condições e segundo a vocação de cada um. A grandeza não é um privilégio dos monarcas ou daqueles chamados a desempenhar uma missão de prestígio na sociedade. Possui-la não se resume em vestir uma rica indumentária e participar de pomposas cerimônias;

não se traduz em conquistas fabulosas, obtidas por generais intrépidos à testa de exércitos invencíveis.

Contudo, a grandeza só adquire sua estatura completa na medida em que o homem se une a Deus. Toda glória humana, à margem desse relacionamento divino, é um efêmero fogo de artifício que no primeiro momento causa impressão, mas que o vento dos acontecimentos faz desaparecer dos céus da História.

A grandeza de Deus é perene e manifesta-se, sobretudo, no infortúnio, no fracasso, na aparente derrota. Muitas vezes, o que parece ser um desastre para as vistas humanas constitui um triunfo aos olhos divinos, “pois a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (I Cor 1, 25). Exemplo máximo dessa realidade encontramos em Nosso Senhor Jesus Cristo, a Grandeza encarnada, rejeitada e crucificada, mas logo vitoriosa.

Podemos dizer que o Criador escolheu o fracasso como meio para restaurar e recuperar a grandeza que o homem possuía originalmente, pois é no cadinho do holocausto que se revela o quilate da alma humana, é no estertor do sofrimento enfrentado com magnanimidade que brilha a verdadeira grandeza.

### ***Em nossa debilidade manifesta-se a grandeza***

Ademais, quando se apresenta a fraqueza humana, criam-se as condi-

<sup>1</sup> Esta é uma prova à qual são submetidas almas especialmente chamadas, que Deus visa elevar aos mais altos páramos da santidade e da união com Ele (cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. 4.ed. Madrid: BAC, 1962, p.409). São João da Cruz faz minuciosa descrição dos terríveis sofrimentos espirituais que a acom-

panham. Eis aqui uma pequena amostra: “Sombrade morte, gemidos de morte e dores de inferno sente a alma muito vivamente, a ponto de sentir-se sem Deus, castigada, arrojada e indigna d’Ele” (SÃO JOÃO DA CRUZ. Noche oscura. L.II, c.6, n.2. In: *Obras Completas*. 2.ed. Madrid: BAC, 2009, p.530).

<sup>2</sup> Sobre a disposição de alma que precedeu o pecado de Adão, exprimiu-se Santo Agostinho com estas palavras: “‘O princípio de todo pecado é a soberba’. E, o que é a soberba senão o apetite de uma perversa glorificação? A glorificação perversa não é outra coisa que o espírito deixar o princípio a que deve estar unido e fazer-se e ser,

**A grandeza de Deus manifesta-se, sobretudo, no infortúnio, no fracasso, na aparente derrota. Exemplo máximo desta realidade, é Nosso Senhor crucificado, mas logo vitorioso**

Crucifixo da Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

# Gloriosa marca das almas fiéis

**O** virginalíssimo conúbio de Maria e José consistia, sobretudo, em uma troca de corações pela qual as graças que habitavam o interior de um eram vividas pelo outro, permitindo-lhes compartilhar os mesmos anseios. Enquanto o Glorioso Patriarca lucrava com o manancial de graças existente no Imaculado Coração da Virgem, Ela hauria do esposo as forças, a determinação e a confiança que pulsavam em seu ígneo coração.

A grandeza de uma alma não se mede tanto pelos sucessos obtidos em seus empreendimentos, mas pela humildade serena com que ela submete sua vontade aos desígnios divinos e pela determinação de seguir adiante com confiança, apesar dos próprios fracassos, por considerá-los o melhor caminho para alcançar a vitória de Deus. A serenidade diante do infortúnio é a gloriosa marca das almas verdadeiramente fiéis.

Nossa Senhora e São José são o augustíssimo exemplo dessa fidelidade, despreensão e sublime disposição de

cumprir a vontade divina, mesmo quando ela exija abraçar a tragédia e a derrota. E só seguirão os passos do Santíssimo Casal os que se dispuserem a trilhar essa via com generosidade, paciência e constância, aceitando todos os malogros e absurdos que o Senhor lhes queira enviar.

O fracasso que Deus pede hoje, sempre prenuncia a grande vitória de amanhã. Aqueles que, no frio e na escuridão da noite das provações e das lutas interiores, souberem manter aceso o fogo de seus corações com o calor da confiança e a luz da certeza da vitória, serão dignos de contemplar, no raiar da aurora, o brilho esplendoroso da Estrela da Manhã. ✧

CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio.

*Maria Santíssima!*

*O Paraíso de Deus revelado aos homens.*

São Paulo:

Arautos do Evangelho, 2020,  
v.II, p.333-335

ções propícias para a manifestação da grandeza sobrenatural, como afirma São Paulo: “Semeado no desprezo, [o corpo] ressuscita glorioso; semeado na fraqueza, ressuscita vigoroso” (I Cor 15, 43). Por isso, é de um enorme benefício para nós sentirmos nossa própria debilidade, pois assim nos preparamos para reconhecer mais facilmente que as obras grandiosas que fazemos não vêm de nossas qualidades pessoais, nem mesmo das virtudes que possamos praticar, mas sim de uma participação na onipotência de Deus, como declara mais uma vez o Apóstolo: “Prefiro gloriar-me das minhas

fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo” (II Cor 12, 9).

Todo homem carrega em seu interior a tendência – intensificada pelos efeitos do pecado original – de apegar-se àquilo que possui e, lastimosamente, até aquilo que não possui, mas que julga ter. E essa concepção deturpada se manifesta com frequência na vida espiritual, inclusive nos mais fervorosos. Concebe-se um método, aplica-se o esforço e, como resultado, julga-se possível alcançar a santidade por mérito próprio, quase se diria “natural”. A oração, segundo tal concepção, entra na “composição” do progresso na

virtude como um elemento a mais entre tantos outros. Ora, para sanar este “vírus”, Deus permite fracassos monumentais que levam a pessoa dar-se conta de que, sem Ele, nada pode fazer (cf. Jo 15, 5).

Por essa razão, nossa vida na terra, para cada qual segundo sua medida, é uma alternância de triunfos e fracassos, a fim de que, diminuídos os riscos de nos apropriarmos das dádivas divinas e criadas as condições para reconhecermos nossa própria fraqueza, possamos servir de instrumentos eficazes para as grandiosas intervenções de Deus. ✧

de certo modo, princípio para si mesmo” (SANTO AGOSTINHO. *La Ciudad de Dios*. L.XIV, c.13, n.1. In. *Obras Completas*. 6.ed. Madrid: BAC, v.XVII, 2007, p.101).

<sup>3</sup> “Ele cometeu, diríamos nós hoje, um pecado de ‘naturalismo’; não querendo receber de Deus a norma de sua própria vida, julgou poder bastar-se a si mesmo (autossufici-

ência), viver livre e felizmente sua vida” (BARTMANN, Bernardo. *Teologia Dogmática*. São Paulo: Paulinas, 1962, v.I, p.450).

<sup>4</sup> “A magnanimidade é uma virtude que leva a empreender obras grandes, esplêndidas e dignas de honra em todo gênero de virtudes. Impele sempre ao grandioso, ao esplêndido, à virtude eminente; é in-

compatível com a mediocridade” (ROYO MARÍN, op. cit., p.547).

<sup>5</sup> “Não se chegaria a uma obra má, se uma vontade má não a houvesse precedido” (SANTO AGOSTINHO, op. cit., p.101).

<sup>6</sup> Cf. BARTMANN, op. cit., p.448.

<sup>7</sup> São Tomás de Aquino explica que a soberba de Adão consistiu em querer assemelhar-se a

Deus de duas maneiras. Uma delas condiz com a que apresentamos: “O primeiro homem pecou também desejando assemelhar-se a Deus, no seu próprio poder de agir, de modo que, em virtude da própria natureza, pudesse conseguir a bem-aventurança” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.163, a.2).



## *Educadora exímia, mãe extremosa*

Elevação e doçura são duas qualidades que, segundo o conceito moderno, se excluem, pois, uma pessoa afeita ao sublime afastaria os outros de si e tenderia ao severo. Dona Lucilia, porém, era um exemplo do contrário.

**Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**

**N**em de longe as palavras de Dona Lucilia eram desprovidas de significado e atração. Todavia, mais do que por elas, era especialmente através de suas atitudes e modos de ser que ela transmitia aos outros, sobretudo aos filhos, o desejo de fazer o bem, e de trilhar as vias da perfeição moral. Símbolo vivo das virtudes por ela praticadas, sua presença impregnava, intensa e discretamente, de refrigério, luz e paz qualquer ambiente onde estivesse.

### *Olhar sereno, voz aveludada, sorriso luminoso*

Seu olhar era sereno e de um castanho muito escuro; a luminosidade dos olhos era de uma intensidade cambiante, em função do quanto queria caracterizar o que dizia. Quando alegre, por apreciar a pessoa a quem se dirigia, seu brilho era meigo e envolvente. Se as circunstâncias exigiam posturas sérias, seu reluzir era profundo, carregado e definido. No movimento dos olhos, sempre compassado, revelando um interior sem efervescências, bem se refletia sua temperança.

Quem a conheceu jamais se esquecerá das suavidades harmônicas de

sua voz melodiosa, modulada conforme o tema e o estado de espírito do interlocutor. As inflexões eram meigas, variadas e acolhedoras.

Às vezes procurava dar realce às palavras movimentando nobre e discretamente suas finas e bem proporcionadas mãos de dedos longos, pele alva e sedosa como arminho. Sabia graduar de maneira exímia as manifestações de benquerença. Um simples cumprimento dela era rico em significado.

Todos esses aspectos da personalidade – olhar sereno, pequenos gestos, voz de timbre aveludado, sorriso luminoso – manifestavam o cerne de sua alma pervadida pela fé, que habitava sempre um píncaro de considerações e perspectivas elevadas. Seu modo de ser defluía dessas alturas, conferindo-lhe uma atitude tal que tornava impossível, a quem quer que fosse, dela se aproximar sem muito respeitá-la.

### *Elevação e retidão, com muita doçura*

Isso fazia os encantos de seu filho, Plínio. Por exemplo, quando ele entrava no quarto dela para dizer bom-dia ou boa-noite e pedir-lhe a bênção. O aposento era espaçoso, de pé direito alto e a cama encimada

por um dossel, de madeira trabalhada, do qual pendiam duas grandes cortinas rendadas, que desciam quase até o chão.

Plínio, sempre afeito às correlações, notava como aquele móvel era perfeitamente adequado à alma dela, a qual, por sua elevação, apreciava estar envolta em digno e bem alinhado arranjo. O inocente menino também discernia a semelhança entre o agrado de sua mãe pelo dossel e o gosto dela por toda ordem de coisas baseada em princípios que, de consequência em consequência, baixam em cascata até os últimos e mais ínfimos detalhes. Por fim, ainda um fator levava Dona Lucilia a estimar a nobre cobertura fixada sobre seu leito: sentia-se de algum modo protegida, correspondendo tal impressão a um traço de sua mentalidade.

Era notável, em Dona Lucilia, o fato de reunir em si duas qualidades aparentemente opostas: ao lado dessa elevação e retidão – a elevação não é senão uma forma excelente de retidão –, a doçura. Ela era elevada porque doce, e doce porque elevada. São duas qualidades que, segundo o conceito moderno, se excluem, pois, uma pessoa afeita ao sublime afastaria os outros de si, tenderia ao severo e a se

impor sem doçura. Ela era um exemplo do contrário.

Esse conjunto excelente de qualidades, Rosée e Plínio podiam apreciá-lo continuamente em sua mãe, em todas as circunstâncias da vida cotidiana, e nos mil cuidados dispensados por ela a fim de que tivessem a melhor educação possível.

### **Visita a um grande estadista do Império**

Pertencendo Dona Lucília a preclaras estirpes – como também Dr. João Paulo, seu esposo –, sempre que se apresentava uma oportunidade adequada, chamava a atenção de seus filhos para o dever de seguirem os exemplos de seus maiores, alguns dos quais se haviam destacado por relevantes serviços prestados ao país. Fazia-o da forma amena, tão de seu costume, contando-lhes inúmeras histórias de família, que constituíam o encanto das crianças e tornavam curtos os longos serões de então.

Um dos mais célebres entre esses expoentes era o Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira – tio de seu esposo – cujas qualidades de grande estadista da monarquia o elevaram aos mais altos cargos do Estado.

Sendo o Conselheiro de idade avançada, e tendo-se apresentado a Dona Lucília ocasião de ir com seus filhos ao Rio de Janeiro, onde ele residia, quis que não perdessem a oportunidade de estar com ele pessoalmente. Tal encontro – julgava ela – perduraria na lembrança das crianças pela vida afora, constituindo um estímulo para seguirem a trilha ilustre do tio-avô que haviam conhecido na infância.

A visita transcorreu com grande cordialidade, e causou profunda impressão na mente dos pequenos.

Encontros assim, revestidos das formalidades exigidas pela vida social de então – restos preciosos dos esplendores de outrora – eram muito frequentes. Faziam parte da existência de todos os dias entre as pessoas de boa família, que o parentesco, os casamentos e os negócios acabavam por ligar entre si.

### **Muito meticulosa nos trajés**

Talvez nos seja difícil avaliar, hoje, a importância dada pelas pessoas daquela época ao modo de vestir. Sendo hierarquizada a sociedade, era normal e até mesmo obrigatório se apresentarem todos condignamente, segundo sua categoria social.



**Os mil cuidados dispensados por Dona Lucília foram fundamentais para a reta formação de seus filhos**

Plínio e Rosée fotografados em Paris, no ano de 1912; na página anterior, Dona Lucília na mesma ocasião

Sempre exímia em tudo, Dona Lucília a esse dever se amoldava com amor, tanto no que dizia respeito a si como aos filhos. Tinha clara noção de quanto esse procedimento contribuiria para criar, em torno de si, um ambiente convidativo à elevação de espírito e à rejeição da vulgaridade.

Ademais, o “*age quod agis*”<sup>1</sup> – a regra de todas as obras de Dona Lucília – estava presente, sem aflição, mas com suave e decidido empenho,

em seus pensamentos, palavras e atos. É sob este prisma que se entende seu cuidado com o bem-trajar a fim de respeitar os reflexos de Deus presentes na dignidade humana, pois aquilo que São Paulo afirma do apóstolo, se aplica a todas as pessoas: “Somos dados em espetáculo ao mundo, aos Anjos e aos homens” (I Cor 4, 9).

“Eu assisti muitas vezes ao fim da *toilette* dela” – contava Dr. Plínio alguns anos após o falecimento de sua querida mãe – “Lembro-me de vê-la já vestida, sentada diante da penteadeira. Em certo momento, levantava-se e se arranjava um pouco. Colocava-se diante de um espelho maior e olhava detidamente, com muito por-

menor, mas sem faceirice. Conquanto sua atenção estivesse próxima, mantinha as cogitações em altos patamares. Eu olhava para ela e pensava: ‘Que perfeição!’”

Naquele tempo em que os melhores trajés jamais se vendiam prontos, o bem-vestir constituía, a seu modo, uma arte que exigia não pouco apuro. Dona Lucília, imaginativa e de muito bom gosto, escolhia os tecidos e desenhava seus próprios vestidos, bem como os de Rosée, sua filha, inspirando-se em modelos franceses. Depois chamava uma costureira para fazer as provas, o que não deixava de ser um pequeno acontecimento na rotina doméstica. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.169-174

<sup>1</sup> Do latim: Faze bem o que fazes.



**México** – Em 19 de fevereiro, fiéis de origem libanesa receberam a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria no Club Libanês, para uma Missa presidida por Dom Georges Miled Saad Abi Younes, OLM, Bispo da eparquia de rito maronita no México, e concelebrada por Dom Joseph Spiteri, Nuncio Apostólico no país (fotos 1 e 2). Neste mês, a Virgem de Fátima visitou ainda a Paróquia Nossa Senhora da Esperança, na capital (foto 3).



**Honduras** – As famílias da cidade de Intibucá tiveram a grande alegria de receber a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria no mês de janeiro, durante uma Missão Mariana realizada na região. Em cada casa, houve a coroação da imagem da Santíssima Virgem e um momento de oração.



**Guatemala** – Desde o dia 11 de fevereiro, seis novos oratórios do Imaculado Coração de Maria estão peregrinando entre as famílias da Paróquia dos Santos Reis e do Senhor de Esquipulas, no município de Cuyotenango. A entrega dos oratórios ocorreu durante a Santa Missa, antes da qual a Imagem Peregrina percorreu as ruas da cidade em procissão.



# Jornada Mundial do Doente



Timothy Ring

No dia 11 de fevereiro, Jornada Mundial do Doente, Missas em honra a Nossa Senhora de Lourdes foram celebradas nas casas dos Arautos do Evangelho no Brasil e no mundo. Após a Eucaristia, houve procissão com o Santíssimo Sacramento, bênção pela saúde e administração do Sacramento da Unção dos Enfermos para os que necessitavam. Nas fotos abaixo,

aspectos de algumas dessas cerimônias, realizadas na Basílica de São José e Nossa Senhora do Sagrado Coração, na Cidade do México; na Igreja de Santa Teresa e São José, em Madri; na Igreja da Mãe do Bom Conselho em Ypacaraí, Paraguai; e nas casas dos Arautos em Lima, no Peru, e nas casas brasileiras de Salvador (BA) e Ponta Grossa (PR).



Xavier Jacobs

Paraguai



Romy Fleiter

México



Xavier Jacobs

Paraguai



Guilherme Abiti

Ponta Grossa



Efio Salas

Espanha



Xavier Jacobs

Paraguai



Charles Batista

Salvador (BA)



Jano Araceli

Peru

Fotos: Amish Coelho



**Caieiras (SP)** – Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo Emérito de Lorena, honrou com suas sábias palavras a abertura do ano acadêmico do Instituto Teológico São Tomás de Aquino e do Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista, dos Arautos do Evangelho, no dia 28 de janeiro. Sua Excelência discorreu sobre o sacerdócio, a Eucaristia e o celibato clerical.

Roberto Hernández



Charles Batista

**Sacramento da Crisma** – Jovens e adultos preparados pelos Arautos do Evangelho receberam em fevereiro o Sacramento da Crisma. Acima, cerimônias realizadas na Paróquia Santa Helena, em San Salvador, por Dom Luigi Roberto Cona, Núncio Apostólico em El Salvador (foto 1); na Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Mairiporã (SP), por Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo de Bragança Paulista (foto 2); e na casa dos Arautos em Salvador (BA), por Dom Valter Magno de Carvalho, Bispo Auxiliar da capital baiana (foto 3).

Fotos: Délio Almeida



**São Sebastião (SP)** – Com o fim de auxiliar as milhares de famílias desabrigadas devido às fortes chuvas que atingiram o litoral norte de São Paulo em fevereiro, os Arautos do Evangelho promoveram a arrecadação de água potável, mantimentos e roupas, os quais foram distribuídos aos necessitados através da paróquia local.



Fotos: Jano Aracena

**Peru** – Os Arautos desta nação andina receberam no dia 6 de janeiro a visita de Dom Paolo Rocco Gualtieri, Núncio Apostólico no Peru, acompanhado de Dom Rastislav Zummer, Conselheiro da Nunciatura Apostólica. Na ocasião, o coral dos cooperadores fez uma apresentação musical em homenagem ao prelado.



Maria Fernanda Aguiar



Jovismar Peixoto



Fernando Machado



Omar Gerola



Valdeci da Silva

**Retiros espirituais** – Por ocasião do feriado de carnaval, foram realizados diversos retiros espirituais para os cooperadores e simpatizantes dos Arautos do Evangelho. Além das palestras proferidas por sacerdotes arautos e dos períodos de meditações, os participantes puderam desfrutar de abençoados convívios com Jesus Sacramentado. Nas fotos acima, aspectos dos retiros pregados nas cidades brasileiras de Maringá (foto 1), Nova Friburgo (foto 2), Rio de Janeiro (foto 3) e Campos dos Goytacazes (foto 5), bem como em Bogotá, na Colômbia (foto 4).



## **Perfil dos novos religiosos nos Estados Unidos**

A Conferência Episcopal dos Bispos Católicos dos Estados Unidos publicou os resultados de uma enquete sobre o perfil dos religiosos que professaram votos perpétuos ao longo do ano de 2022 no país. A análise foi realizada pelo Centro de Pesquisa Aplicada ao Apostolado da Universidade de Georgetown e obteve dados reveladores sobre as tendências entre os jovens que hoje abraçam a vida consagrada, demonstrando a importância da formação católica na família, como primeiro impulso para a vocação religiosa.

De acordo com a pesquisa, que abordou cento e quatorze professos, cinquenta e dois homens e sessenta e duas mulheres, a idade média dos novos consagrados é de trinta e três anos. Dentre os entrevistados, 84% declararam ser filhos de pais católicos, 91% foram educados por um casal unido pelo matrimônio e 30% têm um sacerdote ou religioso na família. Ademais, antes de abraçar a vida consagrada, 70% deles rezavam com frequência o Santo Rosário, e 77% participavam da Adoração Eucarística. Quanto à educação, 48% frequentaram uma escola primária católica e 36% uma universidade católica.

## **Fátima recebe quase cinco milhões de peregrinos**

Ao longo do ano de 2022, o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, recebeu um total de 4.937.294 peregrinos, o que constitui um aumento de 481,9% em relação ao

ano de 2021. O significativo aumento deve-se, em boa parte, à superação dos efeitos da pandemia de covid-19.

De acordo com as estatísticas do santuário, entre os países que mais devotos enviaram encontram-se Espanha, Polônia, Itália, Ucrânia, Brasil e Estados Unidos.



Reprodução

## **Nomeado novo prefeito para a Biblioteca Vaticana**

O Pe. Mauro Mantovani, SDB, foi recentemente nomeado como Prefeito da Biblioteca Apostólica Vaticana.

O sacerdote salesiano, natural de Moncalieri, Itália, é doutor em Filosofia e Letras pela Universidade Pontifícia de Salamanca, na Espanha, e em Teologia pelo *Angelicum* de Roma, além de membro da Pontifícia Academia São Tomás de Aquino e do Comitê Científico da Agência da Santa Sé para a Avaliação e Promoção da Qualidade das Universidades e Faculdades Eclesiásticas. Desde 2007 é professor titular da Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, onde também exerceu os cargos de reitor, vice-reitor e decano das Faculdades de Filosofia e de Ciências da Comunicação Social.

## **Normas disciplinares aplaudidas por pais e alunos**

Olga Narváez, diretora do Colégio Misael Pastrana Borrero, na cidade de Rivera, Colômbia, proibiu terminantemente o uso de telefones celulares em sala de aula, assim como relacionamentos amorosos entre os estudantes durante o período escolar.

Em seu discurso de apresentação das normas que regem a instituição, Olga lembrou aos pais, professores e

alunos que o manual de comportamento inclui essas normas disciplinares e outras no mesmo sentido quanto ao uso de bonês, piercings e semelhantes, asseverando que os alunos inscritos no colégio devem obedecer às leis que o regem, ou escolher outro instituto educacional afim com suas preferências pessoais. As medidas foram acolhidas com aplausos pela assistência.

## **Multitudinário Rosário nas ruas de Madri**

Desafiando o laicismo e a incredulidade do mundo moderno, mais de três mil pessoas participaram do Rosário pela Juventude Espanhola, realizado na cidade de Madri no dia 11 de fevereiro. A multidão de devotos percorreu diversas ruas do centro da capital em direção à Praça de Espanha, recitando o Terço entremeados com cânticos religiosos, enquanto sacerdotes atendiam Confissões e abençoavam os transeuntes que os procuravam.

A iniciativa, que reuniu religiosos e leigos por terceiro ano consecutivo, contou com a participação do Arcebispo de Madri, Cardeal Carlos Osoro Sierra, que alentou os jovens a “darem testemunho público de nossa Fé”. Emilio Esteban-Hanza, um dos organizadores do evento, salientou a importância da presença dos símbolos religiosos numa sociedade cada vez mais secularizada, para “que lembrem a todos o sentido transcendente de nossas vidas, e que estamos neste mundo com o objetivo de conquistar o Céu”.

## **Aeroporto norte-americano tem nova capela**

O Aeroporto Internacional Hartsfield-Jackson, localizado na cidade norte-americana de Atlanta e considerado um dos mais movimentados do mundo, tem agora assistência sacramental e uma capela com reserva do Santíssimo. A bênção do local foi realizada por Dom Gregory John Hartmayer, OFM Conv, Arcebispo Metropolitano, no dia 13 de fevereiro.

A capela permanecerá aberta de forma ininterrupta, beneficiando os mais de trezentos mil viajantes e sessenta e quatro mil funcionários que por ali passam diariamente.

### **Sacrílego roubo de Hóstias Consagradas na Itália**

No dia 27 de janeiro, um criminoso forçou a porta do tabernáculo e roubou um cibório de prata contendo mais de cinquenta Hóstias Consagradas, na Basílica de São Vicente e Santa Catarina de Ricci, na cidade de Prato, Itália. As religiosas dominicanas que cuidam do santuário constataram o ocorrido ao perceber danos na porta do sacrário e verificar as imagens das câmeras de segurança.

Apesar dos esforços dos carabinieri e das religiosas, as Hóstias não foram encontradas. O Bispo de Prato, Dom Giovanni Nerbini, manifestou profunda tristeza pelo ato sacrílego e o desejo de promover uma Adoração ao Santíssimo e uma Missa em reparação por mais esta profanação, que ultraja a Fé Católica e a Presença Real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia.

### **Jovem cristã atacada com ácido no Paquistão**

Sunita Masih, uma paquistanesa de dezenove anos, foi brutalmente agredida com ácido por seu vizinho muçulmano, Kamran Allah Bux, após negar

-se a aceitar sua proposta de casamento e de conversão ao Islã. A jovem teve cerca de 20% de seu corpo queimado e o ataque a deixará marcada para o resto da vida.

Apesar dos esforços de numerosas organizações religiosas e ativistas pela segurança das paquistanesas que pertencem às minorias religiosas, entre 2007 e 2022 foram registradas mais de mil e quinhentas agressões semelhantes.



### **Na tragédia, um sinal de esperança**

O catastrófico terremoto de magnitude 7,8 na escala Richter que assolou a Turquia no dia 6 de fevereiro deixou dezenas de milhares de mortos e desaparecidos, e imergiu o país num panorama de desolação. Contudo, um sinal de esperança se manteve de pé em meio à devastação geral: na cidade de Alexandria, uma imagem da Virgem Maria permaneceu incólume entre as ruínas da Catedral da Anunciação, principal igreja do Vicariato Apostólico da Anatólia.

“Agora as pedras vivas que precisam de atenção estão aqui, e com a ajuda de Deus podemos reconstruir tudo”, declarou o Pe. Antuan Ilgit, SJ, ao compartilhar nas redes sociais as fotos do surpreendente fato.

### **Publicado estudo sobre a perseguição aos cristãos na China**

Um informe publicado no dia 14 de fevereiro pela organização norte-americana China Aid, revela dados pouco alentadores sobre a situação que vivem os cristãos na China. O documento avalia em sessenta e três páginas as informações coletadas ao longo do ano de 2022 a respeito da pressão exercida pelo Partido Comunista Chinês. Segundo o estudo, os altos mandatários do país têm forçado cada vez mais os fiéis a se submeterem à ideologia política do governo, usando meios como a demolição sistemática de igrejas, a penalização de reuniões de culto com multas exorbitantes, a negação dos direitos fundamentais a cidadãos cristãos, a detenção dos líderes religiosos que resistem.

Especialmente alarmante é a cifra de desaparecidos entre clérigos – inclusive Bispos – e leigos. Muitos católicos foram arbitrariamente presos em todo o país, recebendo penas desproporcionais, sem direito a defesa, sem assistência médica e sem contato com seus familiares.

**GAUDIUM PRESS**  
A PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CATÓLICAS DO BRASIL

Faça a sua assinatura gratuitamente em **GAUDIUMPRESS.ORG**

Acompanhe as principais notícias da Igreja Católica no Brasil, no mundo e no Vaticano

PARA RECEBER NOTÍCIAS EM SEU WHATSAPP REGISTRE NOSSO NÚMERO E ENVIENOS UMA MENSAGEM

**+55 11 988051031**

## Escute este conselho!

O avião estava sendo abastecido, as últimas verificações eram feitas. Tudo se encontrava realmente pronto para a decolagem?



✦ Maria Clara da Costa Custódio

“**P**rimeiro-tenente Louis Laforge, sua obediência, competência e bom desempenho nos treinamentos e combates lhe mereceram subir de patente. Tenho a honra de nomeá-lo Capitão Louis Laforge, do Quadro de Aviação da Aeronáutica Francesa!”

Ano de 1944, em plena Segunda Guerra Mundial. Tal notícia era uma grande consolação para quem se encontrava em meio a inúmeras batalhas. Desde sua entrada no exército, Louis desejava servir inteiramente ao que tanto amava: sua pátria, berço de reis intrépidos e exemplos de fé, como São Luís IX, e de camponeses aguerridos que, desejosos do triunfo da Fé Católica, derramaram o sangue nas lutas da Vendée.

O Capitão Laforge possuía muita experiência. Servia à Força Aérea havia duas décadas. As tarefas rotineiras, as executava de olhos fechados: ligar o avião, ajustar os alvos de tiro, verificar a altitude e a reserva de combustível para o deslocamento, conferir o funcionamento da aeronave, etc.

No dia 30 de abril, o novo capitão é chamado ao gabinete do major. En-

quanto para lá se dirige, vêm-lhe à mente pensamentos como: “A qual missão o meu comandante me convocará? Ele, sempre muito sábio, deve ter escolhido o quartel-general inimigo para eu atacar, ou então uma base secreta, ou até...” E a cada passo uma nova ideia surge.

Entra na sala, bate continência e permanece na posição de sentido até o superior lhe dar a permissão de estar à vontade.

— Vou lhe conceder uma recompensa pelos nobres serviços prestados à nossa companhia. Amanhã chegará aqui um segundo-tenente; chama-se Bernard-Jean e foi designado como seu auxiliar. Enquanto ele estiver sob suas ordens, o senhor deve paulatinamente instruí-lo na arte da guerra, a fim de que se torne um bom aviador, pois fará parte de nossa equipe.

— Mas, major, há duas décadas sirvo à Aeronáutica e nunca precisei de um ajudante. Creio que agora não será o momento de receber um...

— Capitão Laforge, quando subimos nos quadros da oficialidade, todos nós, tanto peritos quanto novatos, precisamos de um assistente nos afazeres comuns para podermos nos dedicar às

tarefas mais importantes, pelo bem do conjunto. Por mais que ele seja ainda inexperiente, tenho a certeza de que o senhor mesmo sairá beneficiado desta convivência e aprenderá novos princípios a respeito do comando.

Sem ousar levantar qualquer outra objeção, Louis bate continência e acata a ordem dada:

— Sim, senhor!

— Pode se retirar.

Na manhã seguinte o capitão se dirige à entrada da base aérea, a fim de se encontrar com seu auxiliar. O jovem tenente está à espera e seus olhos percorrem todos os cantos, à procura de seu chefe imediato. Louis se aproxima e diz:

— O senhor é o Segundo-Tenente Bernard-Jean?

— Sim, senhor! Às ordens! Estou pronto para obedecê-lo no que for preciso.

— Muito bem. Começaremos daqui a uma hora.

O jovem sai, apronta-se rapidamente e volta, ansioso, para cumprir seu dever. A cada dia que passa, ele aprende com maior avidez tudo quanto lhe é transmitido e esforça-se o máximo em ser um apoio para o superior.

Três semanas depois, o major reuniu os oficiais e anunciou o próximo confronto:

— Recebemos ontem a ordem de atacar um importante alvo inimigo. Serão utilizados trinta aviões de caça, e outro de transporte para levar munições, mantimentos e equipamentos até a base aérea que nos servirá como plataforma de ataque. Segue agora a escalação dos comandantes: Coronel Romuald coordena o grupo de... Primeiro-Tenente Tomas deve estar a cargo de...

E foi lida toda a lista. Em último lugar, o major escalou:

— Capitão Louis Laforge se encarregará das munições e víveres; o Segundo-Tenente Bernard-Jean ficará a serviço de Laforge no que ele precisar. Agora se reúnam comigo todos os comandantes, para explicações detalhadas do plano.

“Puxa vida!”, pensou consigo o capitão, “Esse rapaz ignorante vai atrapalhar meu trabalho. Olha só: porque tenho de ficar sempre com ele, acabei sendo escolhido para uma missão de quinta categoria! Eu poderia estar na vanguarda do ataque,

mas acabei na intendência... Francamente!” Lamúrias desse gênero povoavam seu espírito, mas suas atitudes exteriores eram as de um perfeito soldado.

No dia seguinte, ao raiar da aurora, todos entraram nas respectivas aeronaves. O avião de Laforge ainda estava sendo abastecido, enquanto o piloto ajustava o assento e fazia as demais verificações necessárias.

— O senhor pediu para os mecânicos conferirem as peças vitais do maquinário? – perguntou seu auxiliar.

— Não é preciso. Antes de embarcar, eu mesmo averigüei tudo. Ajustei algumas coisas e comprovei, pelos meus anos de experiência, que podemos viajar em segurança.

— Capitão, o senhor me ensinou que é bom pedir ao técnico que revise o avião, para nos certificarmos de que está tudo em ordem para o voo. Se houver algum problema, não seremos somente nós os prejudicados, mas todo o exército, que conta com o material que levamos a bordo.

Louis, não querendo reconhecer que havia agido mal, respondeu com impaciência:

— Tenente, se o senhor fica mais tranquilo com a revisão do mecânico, então chame-o! Mas seja rápido, pois não falta nada para a saída.

Bernard foi buscar, pressuroso, o especialista, e dali a cinco minutos estavam ambos conferindo cada parte do avião. Nesse ínterim, Laforge debatia com seus botões: “Hum... Já pensou se eles encontram algum problema? Vou passar uma vergonha daquelas!” Prontamente o amor-próprio se impôs e concluiu: “Não! Eu tenho experiência suficiente e constatei que não há nada errado! Até parece que esse menino vai me



**Louis ouviu com impaciência o pedido de seu jovem auxiliar, irritado por ter sido questionado**

surpreender em alguma falha. Quem está aprendendo é ele, não eu, ora essa!”

— Senhor capitão! – gritou o mecânico.

— O quê?

— O senhor vai precisar atrasar a partida. Encontrei uma hélice cujo encaixe está defeituoso. Que perigo, hein! Ela poderia se desprender durante o trajeto e isso acarretaria consequências bem graves...

Tentando encobrir a vergonha e a dignidade ferida, Laforge consentiu.

Terminado o reparo, Louis e Bernard-Jean se instalaram na cabine para iniciar a decolagem. Aquele era um momento que exigia do capitão a coragem, não para levantar voo e dirigir-se à guerra, mas para vencer a própria soberba e fazer um ato de humildade:

— Tenente Bernad-Jean – sussurrou.

— Às ordens, senhor!

— Eu preciso agradecer sua ajuda. Hoje aprendi uma lição que me faltou nessas duas décadas de serviço: nunca podemos querer abranger tudo, sem o auxílio daqueles que estão sob o nosso comando. A seu modo, os mais novos também têm capacidade para ensinar os veteranos, desde que se dediquem lealmente ao seu ideal. Parabéns pelo seu desempenho, meu caro! E muito obrigado! ✧



**Após inspecionar o avião do Capitão Laforge, o mecânico verificou que, de fato, havia um problema com a aeronave**

# OS SANTOS DE CADA DIA

**1. Beato Carlos de Áustria**, rei (†1922). Tendo padecido com heroísmo católico a queda do Império Austro-Húngaro após a Primeira Guerra Mundial, morreu exilado na Ilha da Madeira, Portugal.

**2. Domingo de Ramos da Paixão do Senhor.**

**São Francisco de Paula**, eremita (†1507 Castelo de Plessis-les-Tours - França).

**Santa Teodora**, virgem e mártir (†307). Jovem de dezoito anos presa, torturada e lançada ao mar por haver dado demonstrações de apoio e veneração aos cristãos levados ao tribunal em Cesareia da Palestina.

**3. São Nicetas**, abade (†824). Hegúmeno do Mosteiro de Medikion, na atual Turquia, sofreu perseguições por ter defendido com denodo o culto às imagens sagradas.

**4. Santo Isidoro de Sevilha**, Bispo e Doutor da Igreja (†636 Sevilha - Espanha).

**São Pedro de Poitiers**, Bispo (†1115). Entusiasta da integridade e da justiça, denunciou e excomungou o Rei Felipe I por contrair, irregularmente, segundas núpcias.

**5. São Vicente Ferrer**, presbítero (†1419 Vannes - França).

**Santa Irene**, virgem e mártir (†304). Nascida na Tessalônica, converteu-se ao Cristianismo juntamente com suas irmãs Ágape e Quiônia. Foi queimada viva durante a perseguição de Diocleciano.

**6. Quinta-Feira Santa**. Instituição da Sagrada Eucaristia.

**Beato Notkero, o Gago**, monge (†912). Passou quase toda a sua vida no Mosteiro de São Galo, na

atual Suíça, onde compôs numerosos poemas litúrgicos. Era débil do corpo, mas não da mente, gago da língua, mas não da inteligência; assíduo na oração, na leitura e na meditação.

**7. Sexta-Feira da Paixão do Senhor.**

**São João Batista de La Salle**, presbítero (†1719 Rouen - França).

**Santo Hermano José**, presbítero (†1241/1252). Religioso do mosteiro premonstratense de Steinfeld, Alemanha, onde brilhou por seu amor à Virgem Maria e devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

**8. Sábado Santo.**

**Beato Juliano de Santo Agostinho**, religioso (†1606). Membro da Ordem dos Irmãos Menores Descalços, incompreendido pelo modo como praticava austeras penitências.

**9. Domingo da Páscoa na Ressurreição do Senhor.**

**Santa Cassilda**, virgem (†1075). Nascida maometana,

ajudou compassivamente os cristãos encarcerados e depois seguiu a vida cristã na solidão eremítica perto de Briviesca, Espanha.

**10. Santos Terêncio e companheiros**, mártires (†c. 250). Na perseguição do Imperador Décio, sofreram cruéis tormentos e foram decapitados por praticarem a Fé cristã.

**11. Santo Estanislau de Cracóvia**, Bispo e mártir (†1079 Cracóvia - Polônia).

**Santa Gema Galgani**, virgem (†1905). Mística cheia de ardor pela Cruz de Cristo, que teve como privilégio receber os estigmas da Paixão.

**12. São José Moscati**, leigo (†1927). Médico de prestígio, nada cobrava dos enfermos pobres e, enquanto prestava assistência médica aos corpos, procurava fortalecer as almas. Faleceu aos quarenta e sete anos em Nápoles, Itália.

**13. São Martinho I**, Papa e mártir (†656 Quersoneso - Ucrânia).

**Beata Ida**, viúva (†1113). Mãe de Godofredo de Bouillon. Tendo ficado viúva de Eustáquio II, conde de Bolonha, França, dedicou-se por inteiro às obras de piedade e de caridade.

**14. São Bernardo de Tiron**, abade (†1117). Superior do mosteiro de Tiron, perto de Chartres, França, instruiu e conduziu à perfeição evangélica os numerosos discípulos que a ele acorriam.

**15. Santo Abúndio**, leigo (†c. 564). Desempenhou com fidelidade e humildade o ofício de misionário da Igreja de São Pedro, segundo o testemunho do Papa São Gregório.



**Santa Maria da Encarnação Guyart - Museu de Belas Artes, Quebec (Canadá)**



## 16. II Domingo da Páscoa. Domingo da Divina Misericórdia.

**São Bento José Labre**, peregrino (†1783). Desejoso de levar uma vida de penitência, empreendeu exaustivas peregrinações a santuários célebres, pobremente vestido e vivendo de esmolas. Faleceu em Roma, aos trinta e cinco anos.

**17. Santa Catarina Tekakwitha**, virgem (†1680). Nascida na região de Quebec, Canadá, sofreu vexações e ameaças por ter aceitado o Batismo e oferecido a Deus sua virgindade.

**18. Beata Maria da Encarnação Avrillot**, religiosa (†1618). Mãe de família exemplar, abraçou a vida religiosa após a morte de seu marido. Introduziu na França a reforma carmelitana, fundando cinco mosteiros.

**19. São Leão IX**, Papa (†1054). Como Bispo de Toul, França, defendeu arduamente os direitos da Igreja. Eleito Papa, convocou vários sínodos para reformar o clero e extirpar a simonia.

**20. Santo Anastácio de Antioquia**, Bispo e mártir (†609). Patriarca de Antioquia, na atual Turquia, cruelmente assassinado por sicários no tempo do Imperador bizantino Focas.

**21. Santo Anselmo**, Bispo e Doutor da Igreja (†1109 Cantuária - Reino Unido).

**São Conrado de Parzham Birndorfer**, religioso (†1891). Jovem de rica família da Baviera, Alemanha, fez-se capuchinho e exerceu com humildade, por mais de quarenta anos, a função de porteiro do convento.

**22. Santa Senhorinha**, abadessa (†c. 980). Descendente de nobre



**São Vicente Ferrer - Museu Nacional de Artes, Catalunha (Espanha)**

família de Braga, Portugal, tomou o hábito no Mosteiro beneditino de São João de Vieira do Minho, do qual se tornou superiora.

## 23. III Domingo da Páscoa.

**São Jorge**, mártir (†séc. IV Palestina).

**Santo Adalberto**, Bispo e mártir (†997 Tenkitten - Rússia).

**Beato Egídio de Assis**, religioso (†1262). Animado pelo exemplo de alguns amigos, tornou-se discípulo de São Francisco e o acompanhou nas pregações.

**24. São Fidélis de Sigmaringa**, presbítero e mártir (†1622 Seewis - Suíça).

**Santa Maria de Santa Eufrásia Pelletier**, virgem (†1868). Para acolher misericordiosamente as mulheres de má conduta arrependidas, chamadas “Madalenas”, fundou em Angers, França, o Instituto das Irmãs do Bom Pastor.

**25. São Marcos**, Evangelista.

**São João Piamarta**, presbítero (†1913). Fundou em Bréscia,

Itália, o Instituto dos Pequenos Artesãos e a Congregação da Sagrada Família de Nazaré.

**26. Nossa Senhora do Bom Conselho.**

**São Cleto** (†88). Segundo sucessor de São Pedro a presidir a Igreja Romana.

**27. Beata Catarina de Montenegro**, virgem (†1565). Batizada quando menina na igreja ortodoxa, fez-se terciária dominicana e viveu cinquenta e um anos numa estreita cela junto à Igreja de São Paulo, em Kotor, Montenegro.

**28. São Luís Maria Grignon de Montfort**, presbítero (†1716 Saint-Laurent-sur-Sèvre - França).

**São Pedro Chanel**, Presbítero e mártir (†1841 Futuna - Oceania).

**Santos Paulo Pham Khac Khoan, João Batista Dinh Van Thanh e Pedro Nguyen Van Hieu**, mártires (†1840). Sacerdote e catequistas no Vietnã, foram torturados e decapitados após terem sido mantidos no cárcere durante três anos.

**29. Santa Catarina de Sena**, virgem e Doutora da Igreja (†1380 Roma).

**São Tíquico**. Discípulo do Apóstolo São Paulo, de quem recebeu ser chamado “irmão amado e ministro fiel” (Ef 6, 21).

## 30. IV Domingo da Páscoa.

**São Pio V**, Papa (†1572 Roma).

**Santa Maria da Encarnação Guyart**, religiosa (†1672). Após a morte do marido, fez profissão religiosa no convento das ursulinas em Tours, França. Fundou no Canadá um convento dedicado à educação das meninas aborígenes.

# Como grãos de areia?

Há nela bonitos aspectos que mereceriam ser ressaltados. Contudo, a partir de um pormenor da sua constituição, podemos reflexionar sobre certas atitudes nossas.



✦ Ir. Paula Carvalho Defanti da Silva, EP

**A**bandonados ao calor causticante do sol, que dardeja em seu máximo fulgor, os grânulos quase insignificantes de uma terra infértil formam os desertos ou as praias que se espalham pelo orbe: a abundante areia, incapaz inclusive de reter a elevada temperatura que recebe durante horas, espalha-se pelos continentes e está à mercê do vento, que a leva para longe de onde originalmente estava.

Entre grão e grão, nenhuma conexão existe; não há irmandade ou ligação, nem sequer um relacionamento mútuo. Cada um parece ignorar a extensa sociedade da qual faz parte. Sob o efeito da água juntam-se, é verdade, mas não formam uma unidade. Facilmente se separam uns dos outros, para estar *chacun dans sa chacunière*.<sup>1</sup>

Há na areia aspectos muito bonitos que poderíamos ressaltar, mas partamos deste pormenor de sua constituição para reflexionar sobre certas atitudes nossas e indagar se agimos bem ou mal, moralmente falando.

Enquanto seres inanimados, esses granulozinhos não têm consciência de seu “individualismo”, pois se trata de uma característica da natureza com a qual Deus os criou. O mesmo, porém, não se passa conosco quando, em nosso relacionamento social, vivemos

egoisticamente como grãos de areia... Estaremos indenes aos males que tal comportamento implica?

Todos nós, sem exceção, fomos inseridos numa sociedade: na família, na religião, na escola, no trabalho, no círculo de amizades, na vocação religiosa... Contudo, embora estejamos próximos uns dos outros e até eventualmente executemos algum afazer ou missão em parceria, podemos cair na tendência de nos preocuparmos apenas com nossos próprios interesses, sem estabelecer um verdadeiro vínculo de alma com os demais.

E esse deplorável modo de proceder não deixará de ter consequências... A primeira delas é o risco de não desenvolvermos nossa personalidade, pois só atingimos a plenitude de nós mesmos junto aos outros, jamais sozinhos.

Ademais, o egoísta está sujeito a ser arrastado por qualquer ventania, com prejuízo para sua vida terrena e eterna! Com efeito, quem conseguirá superar os sofrimentos da existência presente e alcançar o Céu escorado apenas em suas próprias forças? Já o Eclesiastes deixou consignado o seguinte ensinamento: “Se um vem a cair, o outro o levanta. Mas ai do homem solitário: se ele cair não há ninguém para o levantar” (4, 10).

Pelo contrário, resistiremos invictos se soubermos nos apoiar no próximo, quando nosso relacionamento está fundamentado no amor a Deus. Amparando-nos mutuamente, e assumindo a fraqueza ou a alegria alheias como próprias, não nos abateremos ante desastres interiores ou exteriores, mas, unidos a nossos irmãos na Fé, resistiremos como um penhasco que enfrenta incólume furacões e mares encapelados. Observemos a rocha e comprovaremos: ela é firme porque constitui um único elemento; ao se desagregar torna-se areia, que perambula sem rumo por onde o vento a conduz.

Façamos um propósito nesta rápida meditação: nada de egoísmos! Doemo-nos aos outros, interessemo-nos por eles, consolidemos com nosso próximo laços de verdadeira caridade. Desviemos nosso olhar de nós mesmos, para deitá-lo naqueles a quem podemos auxiliar. Tal decisão atrairá graças para nossa santificação e a dos demais, e concorrerá para que os planos de Deus se cumpram na História. ✦

<sup>1</sup> Expressão francesa que pode ser usada para exprimir disposições egoístas, no sentido de “cada um em seu mundinho”.



**No alto, Parque Cultural de Ahaggar (Argélia); logo abaixo, diferentes amostras de grãos de areia do Museu Wiesbaden (Alemanha). No fundo, areia da praia de Morouzos, Ortigueira (Espanha)**

Santa Gema Galgani,  
fotografada aos vinte  
e um anos



Reprodução

*A fisionomia de Santa Gema Galgani expressa algo de extraterreno.*

*Ela é uma representação física, corpórea, da mulher forte do Evangelho: uma pérola rara, de preço incomparável, que compensa ir até os confins do universo para encontrar.*

*Plínio Corrêa de Oliveira*